

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Centro de Letras e Artes

Escola de Belas Artes

Departamento de Comunicação Visual Design - BAV

Oi, amigos!

Narrativa ilustrada sobre inclusão.

Projeto e monografia de Graduação em Comunicação Visual Design

Juliana Zanotta de Oliveira

Orientação: **Nair de Paula Soares**

Coorientação: **Silvia Negreiros e Ary Moraes**

2021.1

Rio de Janeiro

“Hee hee”
Michael Jackson

AGRADECIMENTOS



Primeiro gostaria de agradecer ao meu filho, **Raphael**, que me fez crescer como mulher, como adulta, como pessoa. Todo dia aprendo um pouquinho mais com você. Apesar de tão novo, já tem tanto para me ensinar. Não existe pessoa que goste mais de você do que eu. Obrigada por estar do meu lado sempre, sempre, sempre. Obrigada por todo dia a noite vir, sorrateiramente, deitar na minha cama comigo.

Agradecer à minha mãe **Bianca** e minha avó **Vanna**. As duas sempre me incentivaram a trilhar meu caminho na Belas Artes. Obrigada por aturarem minhas indecisões antes de finalmente decidir vir para o curso de CVD. Obrigada vó, por me ligar várias e várias vezes nessa quarentena, só para falar como minhas ilustrações são lindas e que eu ainda vou conquistar o mundo. Assim que a pandemia acabar nós vamos ter a nossa tarde das meninas como te prometi.

Ao **Gustavo**, meu namorado que está do meu lado todos os dias, sempre com muito carinho, amor e jantares com menu especial que você faz para me acalmar nesse processo de conclusão de curso. Obrigada por esses 3 anos de companheirismo, sei que posso contar com você para qualquer coisa, a qualquer hora.

Aos meus amigos, **Fernanda**, **Nícolas** e **Raquel** que estão sempre ali comigo ao longo de todos esses anos. Obrigada por aguentarem meus momentos de desespero, por serem meu revisores pessoais e, principalmente, por sempre terem toda paciência do mundo para me acalmarem e me fazer rir quando nem eu mesma lembrava mais o que era isso.

Um grande obrigada para minha orientadora **Nair**, pelo privilégio que me concedeu ao orientar o meu projeto de última hora. Obrigada pelos conselhos, pelos puxões de orelha, pelos avisos e por toda a mentoria, tanto nesse projeto, quanto na faculdade. Você é uma pessoa e uma professora incrível!

À minha coorientadora **Silvia**, uma pessoa muito querida, que tive o prazer de conhecer durante o processo desse projeto. Obrigada por embarcar comigo nessa, por me ajudar, por sempre tirar minhas dúvidas e por todas suas ideias incríveis. Mui-tíssimo obrigada pelo acervo de livros que me cedeu, sem eles acho que teria tido um leve surto.

Ao meu coorientador **Ary**, que é um professor maravilhoso, com a maior paciência e carinho que eu já vi. Pude ver minha evolução como profissional em todas as matérias que fiz com você, mas ter sua ajuda nesse projeto foi fundamental para acreditar em mim mesma e saber que era capaz de fazer esse projeto acontecer.

Obrigada a todos que me fazem crescer, que me motivaram e que estiveram do meu lado esse tempo todo. Sou muito grata a todos vocês.

Muito obrigada!

RESUMO



Projeto editorial e gráfico de um livro paradidático infantil que tem como finalidade trazer, de forma lúdica, divertida e leve, uma ótica peculiar sobre um tema sensível e pouco abordado na literatura infantil: o autismo. O contexto será o ambiente escolar e a narrativa visa mostrar como o livro pode ser uma ferramenta de inclusão. Através da junção do design com a narrativa, a edição busca abordar, de forma mais leve uma realidade, pouco divulgada, que é a do autistas. O projeto também se propõe a focar em como o design é um poderoso aliado para estreitar os laços entre criança e livro, de forma a estimular o hábito da leitura, a inteligência e curiosidade e poder estabelecer uma conexão com a leitura e mostrar que aprender pode ser, sim, leve e divertido.

Palavras chave: Livro infantil - Paradidático
- Ilustração - Design editorial - Inclusão

ABSTRACT

Editorial and graphic project of a children's book that aims to bring, in a playful, fun and light way, a peculiar perspective on a sensitive and little discussed topic in children's literature: autism. The context will be the child's social environment and the narrative aims to show how the book can be an inclusion tool. Through the combination of design and narrative, the edition seeks to address a little-publicized reality, the autistic's one. The project also proposes to focus on how design is a powerful ally to strengthen the bonds between child and a book, in order to stimulate the habit of reading, intelligence and curiosity and to be able to establish a connection with reading and show that learning can be easy and fun.

Keywords: Children's book - Paradidactic - Illustration - Editorial design
- Inclusion.

SUMÁRIO

●●●●●

1. INTRODUÇÃO

1.1 Contexto

1.2 Proposta

2. AUTISMO

2.1 Apresentação do autismo

2.2 A relação com a linguagem

2.3 ‘O gato comeu sua língua?’

3. INCLUSÃO SOCIAL

3.1 A literatura como ferramenta de inclusão social

3.2 A importância da inclusão social para as crianças

4. A LITERATURA INFANTIL

4.1 Como surgiu a literatura infantil

4.1.1 O surgimento da escola

4.1.2 Tipos de narrativa

4.2 A literatura dentro da sala de aula

4.2.1 Um novo olhar

4.2.2 A industrialização

4.3 A literatura como ponte de relacionamento

4.4 O recorte literário

5. ILUSTRANDO

5.1 Ilustrando o livro

5.2 Ilustração no Universo Autista

6. ERA UMA VEZ

6.1 Motivação

6.2 A construção da Narrativa

6.3 As personagens

6.4 Referências

6.5 Ilustrando e colorindo

6.5.2 Minhas ilustrações

6.6 Estudos

Referências bibliográficas

7. PROJETO GRÁFICO

7.1 Formato

7.2 Tipografia

7.3 Título

7.4 Capa e contracapa

7.5 Caminho de ferro

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. INTRODUÇÃO

O hábito da leitura nas crianças, é importante tanto para guiar suas curiosidades, quanto para, no futuro, se tornar a base para um pensamento crítico. Quando era criança, li várias e várias histórias que me fizeram conhecer novas pessoas sem nem ao menos sair de casa e, muito menos, sem a ajuda de redes sociais.

Com a leitura, consegui moldar minha jovem personalidade e me tornar uma pessoa que ama mergulhar no mundo das palavras escritas e, por isso, sei que toda história tem o potencial para moldar novos pensamentos, compreensões, sensações e ensinar a lidar com sentimentos; nós podemos aprender novas histórias a um palmo de nossas mãos. Tudo depende da forma como a história será contada, a forma pela qual será lida e a forma que será ilustrada.

Esse projeto nasce do desejo de estimular o hábito da leitura nos nossos pequenos, para que possam aprender novas realidades e em como o design é capaz de criar esse laço entre Criança x Literatura.

Ler nos faz adquirir novas perspectivas sobre o assunto abordado na mídia onde sua narrativa se insere. A leitura é capaz de mudar nossa compreensão de mundo. Para as crianças, a leitura abre caminhos para a criatividade, ampliação do vocabulário e a descoberta de um universo lúdico inserido dentro do nosso próprio dia a dia.

Essa base de leitura é capaz de, no futuro, formar cidadãos mais conscientes, instruídos e críticos. Por isso, quando me tornei mãe, não consegui ver meu filho longe do universo da leitura.

Como cada historinha para crianças permite um aprendizado, podemos aprender sobre dividir, aprender sobre sentimentos e em como podemos interagir com eles; questões éticas são apresentadas e, até mesmo, a diferença entre culturas e indivíduos nos são mostrados em algumas páginas.

É em cima desse conhecimento no qual podemos, e devemos, nos basear para criarmos histórias inclusivas e que despertem o interesse por outras vivências, que ensinem a respeitar as diferenças, sejam elas de qualquer espécie: social, racial, cognitiva, cultural, etc. Ao adotarmos essa ótica, podemos mostrar a função social e cognitiva tanto do design quanto da literatura.

Para que todos os benefícios da leitura aconteçam é imprescindível o hábito - e o estímulo - de uma rotina de leitura. Seguindo essa linha de raciocínio, nasce este projeto. Um projeto que aborda temáticas inclusivas e sociais de forma divertida e respeitosa, criando um novo suporte paradigmático e inclusivo para que um professor, um pai, uma avó, possam ensinar a outras crianças a respeitar e a aprender sobre as diferenças.

1.1 CONTEXTO

O objetivo desse projeto, além de demonstrar a importância do design dentro do universo dos livros infantis, e quaisquer outros projetos editoriais, é trazer para a discussão - e o entendimento - a pauta do autismo. Em 2017, ao receber o diagnóstico de que meu filho Raphael, de 2 anos, era autista, me vi em uma gama de sensações e uma delas era a solidão.

O material de leitura era escasso, de difícil acesso. Profissionais especializados também não estão na primeira página dos catálogos do plano de saúde. Não foi diferente ao tentar explicar para as pessoas de sua convivência as diferenças entre meu filho e as crianças que eles conheciam.

Existiam muitas comparações do que ele deveria fazer, ou reagir, e pouco conhecimento do que, de fato, estava acontecendo. Por exemplo, um dos primeiros pontos que chamam a atenção é a dificuldade que crianças autistas possuem para firmar o olhar com outra pessoa: a famosa troca de olhares. A primeira reação era de achar que meu filho era indiferente e que eu não o estimulava, nem dava carinho o suficiente.

Mal sabem que a dificuldade para firmar o olhar é por puro medo da sensação desconhecida, do laço que se cria, é um medo, e uma resistência, para criar esse envolvimento com um desconhecido, mas assim que esse laço é estabelecido, eles percebem que o olhar é mais uma forma de carinho.

O ponto da questão é: a primeira reação não é a de procurar entender, mas de julgar e comparar de forma errônea a situação. Por isso, sei que no dia a dia dentro da própria escola as crianças autistas podem ser mal interpretadas pelos colegas de classe, os pais dessas crianças e por qualquer um que esteja por perto, dificultando cada vez mais a sua inclusão.

“Ah! Essas pontas, essas quinas... eu tinha essa mesma sensação com os olhares dos outros no meu olho... eles me perfuravam! Era difícil então trocar o olhar, por isso eu evitava tanto “olho no olho!” Só depois fui gostar dos olhares envolventes, penetrantes, mas não perfurantes. Ao contrário, eram aconchegantes!”

KEMPER, Christiane, 2018, p. 10

“A partir de certo momento, comecei a me questionar: se para mim, mãe de um autista, tenho dificuldade para encontrar conteúdo, explicações, vivências, “como será para alguém que não possui esse convívio?”.

Ao perceber que o acesso à informação é difícil e pouco disseminado de forma orgânica, com poucos exemplos. A inclusão dessas crianças às atividades do dia a dia se torna ainda mais excludente.”



1.2 PROPOSTA

Como o conhecimento é fundamental para a inclusão, este projeto editorial se propõe a mostrar, de forma lúdica, uma pequena vivência e apresentação do universo de uma criança autista.

Além de apresentar uma nova perspectiva, com uma linguagem leve, apropriada e divertida, a narrativa também poderá ser utilizada de forma inclusiva em sala de aula.

Esse projeto também tem como objetivo apresentar novas palavras para as crianças, criar uma identificação por parte da narrativa, uma vez que a história se passará dentro do contexto e convívio social das crianças, demonstrando como é importante superar nossas diferenças.

Dessa forma, o livro tem por objetivo:

- 1 Inserir a pauta do autismo e desmitificá-lo.
- 2 Criar um vínculo da criança com a leitura.
- 3 Criar a ‘hora da leitura’.
- 4 Apresentar ilustrações que complementem a narrativa.
- 5 Demonstrar como a inclusão faz bem para todos.
- 6 Despertar também o interesse de crianças autistas para o livro.

2. Autismo

2.1 UMA APRESENTAÇÃO DO AUTISMO



O autismo, ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), é caracterizado por um déficit na comunicação social, tanto verbal quanto não verbal, e pelo comportamento: ações repetitivas, rotina regrada, interesse restrito a certas coisas... Assim como pontua o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-5, referência mundial de critérios para diagnósticos.

O autismo é tão abrangente, com muitas ‘camadas’, ou subtipos, do transtorno que o termo “espectro” é adotado para demonstrar essa pluralidade.

A falta de conhecimento sobre o autismo faz com que muitas pessoas repassem informações enganosas e essa ausência de entendimento pode gerar até uma repulsa por parte dessas pessoas aos falarem sobre o tema.

Geralmente, qualificam o autismo como uma única grande doença, tratando de forma desrespeitosa o transtorno e repassando informações que não são verdadeiras, por isso, quanto mais falarmos no assunto, mais poderemos quebrar esses tabus que estão pré-estabelecidos em nossa sociedade.

O transtorno pode ir desde a uma pessoa que que dependa de outras para realizar atividades do dia a dia, assim como alguém que seja funcional ao nível de viver sua vida sem nem sequer saber que está dentro do espectro, pois nunca receberá o diagnóstico, uma vez que não sente a necessidade de buscar entender alguns de seus conflitos internos, até chegar na Síndrome de Asperger.

A Síndrome de Asperger é um transtorno neurobiológico enquadrado dentro do espectro autista. Por ser um dos espectros, a síndrome afeta a forma e a percepção de mundo que essas pessoas têm, assim como também interfere em seus relacionamentos sociais. Repare que em nenhum momento a palavra ‘doença’ foi citada, pois o autismo não se tem, você é.

Estar dentro do espectro autista é algo para a vida toda, portanto, não há uma cura. Como citado, algumas características são peculiares e se ‘repetem’, elas acabam sendo compartilhadas por quem está no espectro.

Cada pessoa se desenvolve de uma forma, cada pessoas possui suas particularidades, portanto o autismo pode se apresentar de diversas maneiras.

Algumas dessas características já são mais conhecidas e aparecem logo na primeira infância, são os chamados ‘sintomas clássicos’: a dificuldade para manter o olhar; um olhar vazio, para o nada; repetição em suas brincadeiras; um isolamento e indiferença diante de outras pessoas e a dificuldade de comunicação. Isso tudo porque a pessoa autista tem uma dificuldade de entender o ‘eu’.

O ‘eu’ como eu e você entendemos é diferente de como uma pessoa dentro do espectro entende. Existe uma relutância de tudo que seja o ‘não-eu’ por parte de uma pessoa autista.

No começo, seu mundo é resumido pelo seu corpo, pelo que ela é, tudo que é o 'não-eu' é de difícil entendimento, pois parece que não está ali, aquilo não lhe pertence.

Por isso há a dificuldade de estabelecer um primeiro contato com os olhos; a atitude, em um primeiro momento, sai dessa área de conforto do 'eu' para uma situação onde passa a existir um 'nós'. Ser autista não significa ser antissocial, essa denominação parte de todo o preconceito envolvido pela falta de conhecimento por parte das pessoas.

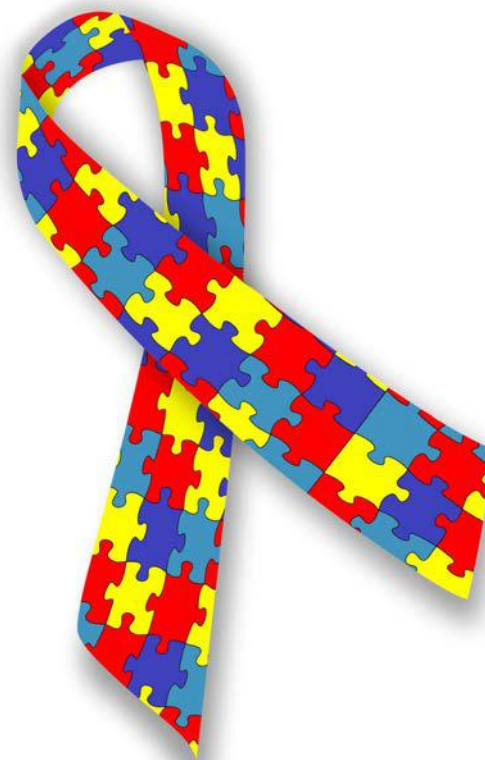
O que existe, na verdade, é uma dificuldade na sua parte social, uma dificuldade de se criar empatia, e uma dificuldade em profundar suas relações sociais. Pensamentos negativos envolvendo o autismo, nada mais são, do que o próprio preconceito das pessoas em tentar aceitar - e entender - o que é diferente.

Da mesma forma em que não se é antissocial, nem toda pessoa autista é agressiva, esse pensamento é completamente equivocado; o que pode ocorrer é que, ao não saber lidar com a frustração de alguma ação que não saiu como o planejado, a pessoa entre em um grande sentimento de ansiedade, não consiga lidar com isso e, todo esse estresse, gera uma dificuldade de apaziguamento.

Não necessariamente o autista irá machucar outras pessoas, mas sua primeira reação, provavelmente, é a de se machucar como forma de aliviar o que está sentindo

Não se sabe ao certo o porquê — ou o quê — cause o autismo. Diversos estudos apontam inúmeras possibilidades, mas a teoria mais forte é de ser algo genético hereditário.

Não existe um tratamento certo para esse transtorno, apenas acompanhamento médico multidisciplinar: médico, pediatra, neuro, psicólogo, fonoaudiólogos que irão averiguar os pontos particulares da pessoa e trabalhar em cima deles. Frequentemente, remédios também são inseridos para poder ajudar nesse processo.



*Símbolo oficial do Autismo.
As peças de quebra cabeça representam a complexidade do Transtorno*

2.2 A RELAÇÃO COM A LINGUAGEM



Primeiro temos de diferenciar fala e linguagem para podermos entender um pouco melhor do ponto de vista de uma pessoa autista. A fala é um ato motor que é capaz de transmitir sons, frases e falas; é por onde nos comunicamos verbalmente.

Algumas crianças possuem dificuldade em expressar com sons, que formem palavras, o que estão sentindo; algo bem comum em crianças que estão dentro do espectro.

Não necessariamente toda criança com essa dificuldade tem TEA, mas é um forte indício para ficar atento. Ainda que muitas crianças com TEA consigam estabelecer o contato verbal, muitas vezes ainda se apresentam de uma forma peculiar, seja mudando o ritmo da fala, repetindo a mesma palavra por diversas vezes (a famosa ecolalia), ou mudando a entonação em cada palavra de suas frases.

Já a linguagem é a capacidade de estabelecer uma comunicação para expressar sentimentos e ideias, ou seja, é a capacidade de comunicar-se com outras pessoas, tanto por meio da fala, quanto pela escrita, ou outras maneiras. A linguagem pode se dividir entre a verbal e a não-verbal; a primeira fazendo uso de sons e escrita e a segunda fazendo uso de outros recursos, como a linguagem corporal, imagens, desenhos ou símbolos.

Percebemos que existe uma primeira dificuldade de contato com alguém que está dentro do espectro autista quando, ao

chamarmos o nome da criança, ela não olha de volta. Não existe a troca esperada por parte da criança; ela não interage.

Em um primeiro momento, pode parecer até que exista uma dificuldade auditiva, mas nada mais é do que uma das possíveis nuances autísticas. Essa dificuldade com a linguagem se mantém ao longo do crescimento da criança, fazendo com que se torne um pouco mais delicado a sua aprendizagem.

A necessidade do toque, por parte da criança autista, também é oriunda dessa dificuldade de se expressar verbalmente: é uma das formas de linguagens não-verbais encontradas para se estabelecer uma comunicação com outra pessoa. Tanto o toque, quanto sons e ruídos se tornam artifícios para driblar esse obstáculo que é a comunicação verbal.

Meu próprio filho quando não sabia falar ainda, pegava em minha mão e a levava aonde ele queria. Se estava com sede, pegava em minha mão e a levava ao seu copo de água.

Da mesma maneira que cada indivíduo desenvolve suas próprias características dentro do autismo, temos vastos exemplos dessa dificuldade com a linguagem. Existem desde as crianças tomadas pelo mutismo até o resto de suas vidas, como as que enfrentam dificuldades com a fala de forma que isso interfere em sua sociabilidade, como também existem casos de crianças que conseguem desenvolver sua fala com quase nenhum atraso.

2.3 “O GATO COMEU SUA LÍNGUA?”



Raphael um dia queria me pedir água, mas não falava de maneira alguma o que queria, apenas ficava se comunicando por grunhidos e apontando para o copo de água. Sabendo que ele conseguia falar perfeitamente que queria água, perguntei, mais uma vez, o que ele queria, mas só conseguiria entender com meu ouvido. Ele, então, me falou que gostaria muito de beber água porque estava com sede. Ri, dei o copo de água e perguntei “Por que não disse antes? O gato comeu sua língua?”.

Comecei a reparar que ele não brincava mais com o gato de casa, o Eurico. Os dois são grandes parceiros de brincadeira: onde Raphael vai, Eurico vai atrás pra saber o que ele está fazendo. No entanto, Raphael não envolvia mais o Eurico em suas brincadeiras, muito menos deixava ele chegar perto muito perto e sempre fechando muito bem sua boca.

Achei estranho esse comportamento, já que eles nunca tiveram problemas juntos. Até que me lembrei do que havia dito para ele. Raphael achou que, literalmente, um gato poderia comer sua língua, de forma que ele não pudesse falar mais.

Agora esse episódio é uma história engraçada, mas ele nos faz lembrar de um ponto bastante importante: por mais que a criança consiga estabelecer um contato verbal e estruturar suas frases, existe uma dificuldade para entender as nuances da fala.

É difícil para uma pessoa autista perceber que nem tudo que é dito é de forma literal, que existe uma flexibilização da linguagem. Outro ponto em destaque foi que, ao tentar me expli-

car o porquê dele não falar com o Eurico a resposta foi: *Você sabe... Raphael tem medo...*”. É comum adotarem a terceira pessoa ao referirem a si mesmos; é mais uma das formas de suas percepções do ‘eu’. No caso do Raphael, ele ainda estava construindo essa identidade enquanto pessoa própria e não entendia a diferenciação entre o ‘eu’ Raphael, e o ‘eu’ do ponto de vista de outra pessoa; como eu, sua mãe, o chamava de Raphael, o eu dele seria na terceira pessoa. Essas divergências estão ‘sumindo’ ao poucos.

Com o passar do tempo, e com muita explicação, ele começou a entender melhor essas pequenas sutilezas da linguagem. Não posso deixar de comentar que a leitura de diversos livros também ajudou bastante nesse processo; ali ele foi apresentado a ditados e outras figuras de linguagens que começaram a fazer mais sentido em sua cabeça.

O livro reforça sua forte presença como ponte de integração entre linguagem e criança, ainda mais no caso de uma criança que está dentro do espectro.

Com o ‘horário da historinha’, alguns ditados e figuras de linguagem começaram a ser inseridos na linguagem do Raphael; a estruturação de suas frases ganhou um caráter um pouco mais complexo, além de sua conversação ficar mais fácil tanto com adultos, quanto com outras crianças que utilizem uma linguagem mais abstrata.

2. AUTISMO

Raphael e Eurico estão sempre juntos e brincando. Muitas vezes encontramos peças de lego guardadas nos 'esconderijos' de Eurico. Por conta dessa convivência, Raphael não possui medo de gatos, em contrapartida, por não conviver com cães ele acabou criando uma certa resistência e um medo.

Para demonstrar o quanto ele gostava de Eurico, me pediu para aprender a escrever a palavra 'gato' e ainda pediu uma foto para deixar o momento registrado.



3. Inclusão social

3.1 A LITERATURA COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL



A literatura infantil proporciona novas visões, de forma a gerar novos conhecimentos; o que faz com que a criança se depare diante de situações que a façam refletir como agir e como se sentir em determinadas situações. Enquanto pessoa, a criança ainda não tem muitas vivências, ela ainda está descobrindo o mundo ao seu redor e, aos poucos, moldando sua personalidade; assuntos que não fazem parte do seu dia a dia são como se não existissem para ela.

No dia 10 de dezembro de 1948, a Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), proclamou a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), onde a liberdade e igualdade entre as pessoas foi estabelecida, pela primeira vez, como um direito humano universal. A partir disso, o debate sobre a inclusão está cada vez mais presente e cada vez mais forte em nosso dia a dia. Não foi diferente dentro da sala de aula.

Por ser a escola uma instituição a serviço da sociedade e sendo instrumento de desenvolvimento social, o debate sobre a inclusão se faz necessário. Como mencionado, através da leitura diversas realidades são apresentadas e isso vale tanto para a criança sem alguma necessidade especial, quanto para crianças com algum tipo de limitação.



Crianças lendo a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), pouco após sua adoção.
Foto - Arquivo ONU

Ao trazermos o livro - e a literatura - como mediadores da discussão sobre a inclusão, trazemos uma ferramenta de fácil acesso para que desperte o interesse das crianças; o livro passa a ser uma ponte de acesso simples e divertida, onde existe uma troca direta com o leitor.

Dessa forma, há uma democratização, disseminação da cultura, da diversidade e da inclusão social. Os livros em braille são um grande exemplo dessa democratização: enquanto as crianças com deficiência visual têm garantido a sua leitura, as demais crianças conseguem entender que aquela criança pode - e deve - aprender junto.

A criança começa a entender que cada uma se desenvolve de uma maneira e, até mesmo a criança que não possua nenhuma limitação física ou intelectual, entende que ela também possui seu desenvolvimento individual; além de começar a entender que se deve respeitar o tempo de cada um dentro desse mesmo processo, assim, como pontuou Vygotsky:

A criança cujo desenvolvimento se vê complicado pelo defeito não é simplesmente menos desenvolvida que seus coetâneos normais, mas uma criança que se desenvolveu de outro modo.

(VYGOTSKY, 1995, p. 12)

O texto literário traz consigo a possibilidade de educar para incluir, mas devemos ter em mente que incluir não significa a mesma coisa que integrar e, por isso, não podemos apenas jogar conteúdo em cima das crianças sem trabalhar seu sentido social. A forma como será apresentado e, muito menos, apresentar esse material de maneira que não seja apazível para elas; caso contrário, acontecerá uma aversão pelo conteúdo.

3.2 A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO SOCIAL PARA AS CRIANÇAS



Ao inserirmos a literatura inclusiva para crianças, estamos reforçando a importância da multiplicidade que nos cerca, do tempo da nossa individualidade e do respeito, como pontua a pedagoga Lucimar Gonçalves, especialista em educação inclusiva.

A criança pode observar por uma outra perspectiva e começar a compreender novas realidades que a cercam. Dessa maneira, ela pode começar a praticar sua empatia, companheirismo, além de se criar um espaço para discussão e a desconstrução de quaisquer preconceitos; e essa imersão dentro de outra realidade é ideal dentro do ambiente escolar, uma vez que a escola é o local que nos prepara para vivermos em sociedade.

Pelo outro ponto de vista, a criança que se vê representada em uma história se sente parte de um todo, acolhida; ela não vive mais se sentindo solitária e mal compreendida. Quando uma criança é escutada, ela se sente aberta a conversar, a trocar e a ser estimulada; todas essas qualidades são necessárias para seu desenvolvimento intelectual.

As crianças precisam estar confiantes no ambiente escolar para que possam querer trocar informações, participar de discussões e se sentir incluídas para que o medo de errar não impeça todo o crescimento pessoal e social que a escola tem a oferecer.

A criança tem uma certa tendência a evitar o desconhecido. Se algo é estranho para ela, automaticamente, existe uma negação e uma tentativa de 'exclusão' por parte dela justamente por não

entender a situação. Certo dia meu filho, devia ter quase 3 anos e não falava, a forma de comunicação pela qual ele se expressava era o contato físico com as outras crianças, era o toque; ele tocava muito na criança na qual ele se sentia bem brincando.

Em contrapartida, as crianças não estavam habituada a esse tipo de toque e a maioria tinha uma reação parecida: achar estranho e excluí-lo, empurrá-lo, ao mesmo tempo em que essa mesma criança falava e tocava nas outras crianças.

A situação estranha era o fato do meu filho não conseguir estabelecer a comunicação verbal e, em primeiro momento, a primeira reação foi a de excluí-lo das brincadeiras. Caso essas crianças convivessem com algum colega autista, provavelmente não achariam estranho e conseguiriam incluir melhor o meu filho na brincadeira.

Para educarmos crianças para serem adultos mais abertos e com menos preconceitos, devemos quebrar essas barreiras do 'desconhecido' ainda na infância, no momento em que as crianças estão construindo seu caráter e começando a sua socialização.

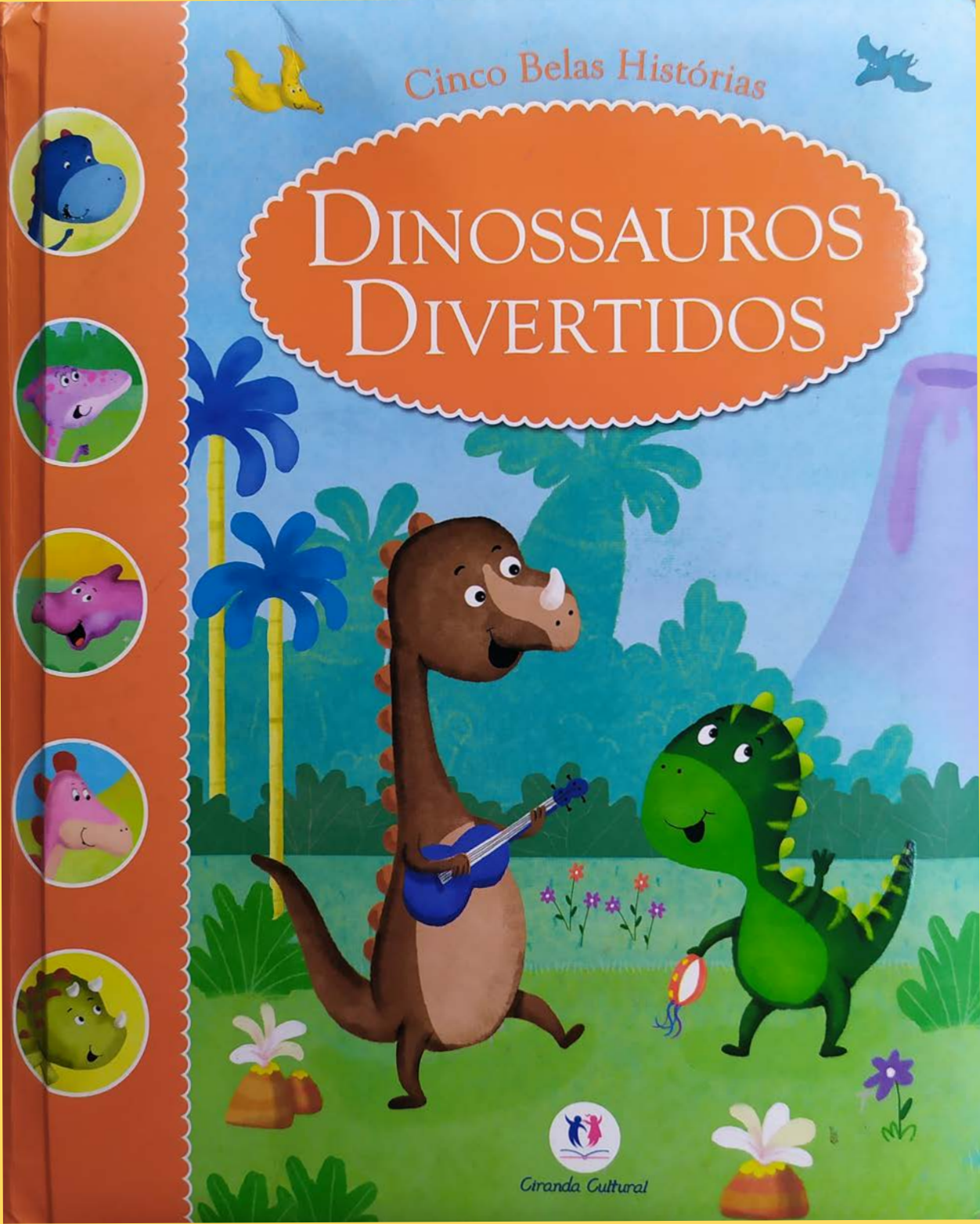
É importante apresentarmos novas realidades e sentimentos para as crianças para que elas saibam lidar quando a situação real acontecer com elas.

“Raphael ganhou um livro sobre dinossauros quando tinha 3 anos; o livro é indicado para crianças um pouco maiores. Ele nunca conseguiu me deixar contar a história para ele por ser um pouco mais longa do que as histórias que está habituado.

Tempos depois ele teve interesse pelo livro, mas não na história que estava sendo escrita, ele sempre gostou muito da ilustração e, a partir disso, montou sua própria história sobre aqueles dinossauros. Cada dia ele contava uma história diferente, sempre coerente, a partir das mesmas ilustrações.”



‘Dinossauros Divertidos’. Ilustrações Reinado Vignati
1ª Edição, Ciranda Cultural
2014.



4. Literatura infantil

4.1 COMO SURTIU A LITERATURA INFANTIL

Para entendermos as necessidades numa abordagem de literatura de uma narrativa voltada para crianças, devemos ter a noção de que a criança, até o século XVII, enquanto pessoa, era vista e tratada da mesma maneira que um adulto; não havia uma distinção entre as particularidades de uma criança nem a de um adulto.

“De forma semelhante, durante o período moderno na Inglaterra, as crianças estiveram bastante ausentes na literatura, fossem o drama elizabetano ou os grandes romances do século XVIII. A criança era, no máximo, uma figura marginal em um mundo adulto”

(HEYWOOD, 2004, p. 10)

As crianças se vestiam como adulto, ouviam as histórias dos adultos, trabalhavam com - e como - os adultos e também eram educadas como adultos. Não havia espaço para a existência do termo “infância”, uma vez que a criança era considerada como um adulto.

A partir do século XVII, com o Renascimento e a influência da Igreja Católica, a criança passa a ser vista como um ser à parte do adulto; um ser puro e inocente, com características e necessidades próprias, precisando, então, de uma educação diferente e que correspondesse às necessidades de suas educações.

Começa, então, a nascer o conceito de infância, e o entendimento de que ela é importante para edificar e preparar a jovem criança para a vida adulta.

Como a criança passa a ter a necessidade de um ensino diferente do adulto, ela começa a ter a sua própria narrativa e seu próprio suporte didático e literário. Essa primeira nuance da literatura infantil nasce do conceito de que a criança e, por consequência, a infância, são alegres, inocentes e em construção de suas experiências. O livro escrito nasce com a função de educar moralmente as crianças, sendo uma importante ferramenta para ajudar as crianças a enfrentarem e conhecerem o mundo.

4.1.1 O SURGIMENTO DA ESCOLA

Já que a educação especializada não fazia parte da formação das crianças, houve a necessidade de um local exclusivo para tal; daí nasce a importância da escola na construção do formato das crianças: é lá onde elas irão aprender a crescer, a serem seres sociais e aprenderão a se tornar adultos plenos e funcionais dentro da sociedade. A escola se torna uma instituição aberta a todos e não mais apenas para a burguesia.

A escolarização é uma palavra-chave no desenvolvimento das crianças e a escola vem para validar esse processo de formação e para preencher esse ‘vazio’ da falta de experiência que se achava que as crianças tinham.

O conceito de bem e de mal foi apresentado para as crianças de uma forma regrada e didática, o bem e o mal eram bem demarcados: as coisas boas que as crianças deveriam aprender e as coisas ruins que elas deveriam renegar em suas vidas.

Os contos de fadas que conhecemos atualmente, nada mais foram do que narrativas folclóricas que eram contadas pelos camponeses e foram readaptadas por Charles Perrault (1628 – 1703), na França no fim do século XVII removendo as passagens mais agressivas e quaisquer outras passagens com conceitos considerados inadequados para as crianças.

Dessa maneira, a literatura infantil nasce baseada em ser um suporte didático, como uma base de ensino para as crianças; ela nasce atrelada à didática.

4.1.2 TIPOS DE NARRATIVA

Agora que entendemos o porquê da literatura infantil ter sido necessária, podemos entender algumas de suas estruturas narrativas:

Lendas e Mitos:

São narrativas populares, muitas vezes baseadas em acontecimentos históricos que são imortalizados através de histórias, sendo repassadas de geração em geração. Apesar de serem baseadas em acontecimentos históricos, cada lugar por ter uma versão diferente para a mesma lenda; estimulando a imaginação das crianças.

Os mitos são uma derivação das lendas, uma forma de se oralizar e explicar o desconhecido. Mais uma vez, uma ótima forma de se estimular a imaginação e a curiosidade das crianças.

Fábulas

São histórias um pouco mais curtas, podendo ser protagonizada por humanos, objetos mas, na maioria das vezes, são protagonizadas por animais. Sempre termina com uma lição de moral; uma ótima maneira de ajudar as crianças a entender problemáticas do dia a dia

Conto:

Sua narrativa é mais curta, com menos personagens; esses personagens devem resolver algum tipo de conflito. A partir da perseverança das personagens, a criança pode se inspirar a resolver seus próprios conflitos.

Crônica:

Sua narrativa não possui tramas densas ou grandes conflitos a serem resolvidos. Se parecem com a crônica, mas os contos, geralmente, retratam fatos da vida cotidiana, com problemas mais comuns, ou situações que as pessoas consigam se identificar.

Romance:

Seu enredo é bem mais extenso e complexo, possuindo vários conflitos e sub-tramas. Nessa narrativa, geralmente somos apresentados a famosa ‘Jornada do Herói’, com vários dramas e crescimentos pessoais das personagens.

4.2 A LITERATURA DENTRO DA SALA DE AULA

.....

A literatura é apresentada para as crianças ainda dentro de suas casas, em cada livro que se lê para elas. A criança deve descobrir o gosto pela leitura antes mesmo de aprender a ler. Na escola a literatura passa a se tornar didática e o hábito da leitura se torna uma obrigação no currículo das crianças.

Esse primeiro contato é crucial para formar o hábito e o gosto pela leitura e caso ele não seja interessante o suficiente, a tendência é que as crianças se distanciem dos livros.

Como citado por Zilberman (*ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 1987*), existe uma aversão por parte das crianças à leitura, uma vez em que o modo como a escola a apresenta para os pequenos não a torna interessante, muito menos divertida.

A leitura é confundida com o livro escolar, ou seja, é confundida com a obrigação de aprender. A literatura se mistura com o livro didático de forma tediosa, apresentando temas e propostas de forma desinteressante, o que torna a experiência da leitura em algo desagradável e gerando um distanciamento.

O confinamento, por parte da escola, continua entre o livro infantil às normas didáticas quadradas, sem um viés lúdico. Tornando tanto a leitura, quanto o ensinamento, maçantes e can-

sativos. Essa forma de estudo está atrelada aos pensamentos antigos sobre a escolarização e a alfabetização; onde a forma de se aprender a ler e a escrever estão relacionadas a gravar o som e as imagens do texto, como se fossem uma coisa só, e não em entender o processo único que é a alfabetização.

Para Ferreiro (1996) o processo da leitura e da escrita são duas etapas distintas, cada uma com sua própria lógica, de forma individual, ou seja, cada criança tem seu tempo e sua formulação desse processo linguístico. Respeitar esse processo, nada mais é do que também incentivar a criança a lidar com ele e a gostar e aproveitar desse processo de aprendizagem.

Nenhuma criança deve se sentir menos inteligente por demorar mais tempo a aprender algo, afinal, isso só cria um sentimento de distanciamento e de rejeição pelo ambiente acadêmico.

No fim, cada criança constrói o seu sistema interpretativo e é em cima da individualidade que se deve trabalhar para criar esse laço inicial com a leitura e com os estudos.

Então, para unir algum tipo de conteúdo ao lúdico, temos que entender quais são as primeiras necessidades para atrair a atenção e os olhares dos pequenos, para que tenham interesse em ler os livros de forma espontânea.

4.2.1 UM NOVO OLHAR

Nos dias atuais existem novas psicologias de educação e uma delas é a de que a literatura infantil não precisa mais se basear no antigo conceito de que as crianças são seres inexperientes e sem nenhum pré-conceito.

As crianças possuem seus próprios medos, anseios, dúvidas e suas próprias experiências pessoais independente da idade. Dessa maneira, a literatura deve-se adaptar à esses sentimentos: as histórias não precisam ser tão preto no branco, tão quadradas ou tão óbvias. Inserir um grau de complexidade é necessário para firmar esse contato com seu pequeno leitor para que ele se sinta reconhecido nas situações-caso das narrativas. A leitura literária exige novas complexidades por parte dos sistemas educacionais.

Tratar dessa leitura literária apenas como uma forma ilustrada de pedagogia, acaba tirando parte da magia de seu viés pedagógico; os livros infantis continuam, muitas vezes, reduzidos apenas à exploração escolar, a serem apenas um objeto de consumo.

Ao tratarmos o livro apenas como um objeto de consumo, tiramos dele a maiorias de suas características únicas. É nesse ponto onde podemos fazer uso de todo conhecimento que o design pode proporcionar. De forma lúdica, ele consegue juntar conceito, história, ilustrações, palavras e experiência em um único livro de forma a gerar interesse e a criar um laço entre o leitor e o livro.

O design se trata de unir a expressão de uma história, de um artista, de uma realidade, à um produto paupável e interessante. A leitura pode ser desafiante para a criança mas, ao mesmo tempo, tem que estimular os jovens.

A busca por aprender deve estar atrelada em estimular a curiosidade da criança, enquanto se conta uma história, afinal, não podemos esquecer que a literatura para crianças carrega consigo o fantástico; não podemos deixar esse brilho se apagar.

4.2.2 A INDUSTRIALIZAÇÃO

Até o século XVIII, o processo para a produção de um livro era manual, caro e demorado; era baseado em retoques manuais, tintas, solventes.

Com a invenção da impressão no século XV, o processo de impressão, apesar de ainda ser manual, conseguiu se tornar um pouco mais rápido: o conteúdo, de cada página, era marcado em blocos de madeira, mergulhados em tinta e, em seguida, colocado sobre os papéis; produzindo-se várias cópias.

Em 1455 o alemão Johanes Gutenberg conseguiu aperfeiçoar a prensa tipográfica ao inventar a imprensa com tipos móveis reutilizáveis. O primeiro livro a ser impresso com essa técnica foi a Bíblia.

Com o surgimento da imprensa nasce a técnica da tipografia, houve a necessidade de novos desenhos de letras, as caligrafias antigas, com seus detalhes exagerados, eram difíceis para a impressão. A evolução dessa técnica, ao longo dos anos, nos trouxe até ao design gráfico ou editorial.

Apesar de toda a evolução no processo de criação do livro, foi no século XVII, com a Revolução Industrial, que tudo mudou. Ela trouxe grandes transformações para o mundo e também para o mercado editorial. Foi um momento de democratização da informação, uma vez que o acesso e a difusão ao conhecimento se tornaram mais fáceis graças a mecanização do processos manuais.

Segundo Marx, “a burguesia não pode existir sem revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, com isso, todas as relações sociais” (MARX; ENGELS, 199), a maquinofatura é a síntese da manufatura e a grande indústria e com essa mecanização do processo de produção, a impressão se tornou algo mais rápido e mais barato, tornando, assim, o livro em um objeto mais acessível.

Apesar de toda a evolução, alguns tipos de livros ainda eram deixados um pouco de lado pelo seu custo de produção. Livros infantis eram muitas vezes desconsiderados para produção por conta de sua complexidade: cores, ilustrações...

Com o passar dos anos e da refinação e evolução da maquinofatura, a industrialização permitiu melhorar a qualidade tanto dos livros, quanto do seu processo de produção. Agora, podemos diagramar, ilustrar e revisar um livro pela própria tela do computador. Existe a possibilidade de se adicionar inúmeros tons de cores, escolher diferentes tipos de formatos para impressão (corte especial), além de vários tipos de papel (off-set, pólen, couché...). Os livros e, portanto, a leitura se tornaram ainda mais acessíveis facilitando com que qualquer pessoa possa ter acesso a um livro hoje em dia.



O primeiro livro impresso por Gutenberg, 'A Bíblia'.

4.3 A LITERATURA COMO PONTE DE RELACIONAMENTO



Antes mesmo de uma criança nascer, laços afetivos já começam a ser estabelecidos; a mãe se imagina com seu filho, as pessoas brincam e conversam com a barriga e são esses mesmos laços que têm uma grande carga simbólica para o desenvolvimento de uma criança, tanto físico quanto mental.

Com o ritmo acelerado do tempo em que vivemos, pais e mães acabam passando muito mais tempo fora de casa e, mesmo nos momentos de descanso, acabam não estando tanto tempo com seus filhos quanto gostariam.

Para reforçar esse laço afetivo não precisamos de grandes eventos, como uma viagem, uma tarde inteira num shopping ou, muitas vezes, em suprir a necessidade de afeto das crianças com algum bem material.

Não que essas coisas não devam ser feitas, mas ao falarmos em reforçar laços afetivos não necessariamente estamos falando em situações trabalhosas, mas, sim, em pequenas atitudes no dia a dia, na nossa rotina, que reforçam esse amor que dão o toque de família para a criança.

Quando lemos para uma criança, além de estarmos encorajando a sua alfabetização, sua gosto por histórias estamos, também, reforçando nossos próprios laços afetivos. A “hora da historinha” passa a se tornar um hábito saudável que instiga e traz um sentimento bom para as crianças.

O adulto começa a ler a história com a criança e não para a criança. A rotina faz com que a criança se torne mais acostumada e familiarizada com o livro, com a leitura e com a aprendizagem; essa junção acaba facilitando todo o processo educativo dentro do ambiente escolar.

Toda essa atitude se reflete dentro do ambiente escolar: se a criança aprende uma nova palavra no seu livro, ela poderá falar sobre na sala de aula, ela irá reconhecer a palavra quando a professor apresentá-la à classe.

Esse sentimento de compreender e sentir que está evoluindo motiva qualquer criança a continuar estudando, a continuar estimulando sua curiosidade.

“Ler é tomar consciência, é interpretar o mundo.”
FREIRE, Paulo

4.4 O RECORTE LITERÁRIO



A partir do momento em que entendemos que toda criança precisa estimular sua criatividade, ser habituada com a leitura para que possa desenvolver um gosto pelo conhecimento, nosso próximo passo é entender o que cada público quer e pode aprender.

A etapa seguinte para se projetar um livro voltado para as crianças é definir para qual público a edição se dirige, sendo a faixa etária um dos principais filtros condutores da edição. Afinal, dessa maneira saberemos que tipo de livros poderemos introduzir para cada tipo de idade e que tipos de assuntos poderão ser abordados, além da forma para abordá-los. Para o desenvolvimento do projeto em questão, o foco será nas crianças de 4 a 6 anos de idade.

Nessa idade elas já têm uma certa vivência e uma curta experiência de vida; já começam a ter uma noção do que gostam, do que não gostam e estão em um ótimo momento para aprender novas linguagens e assuntos; também estão em expansão de seu vocabulário, afinal, estão na fase da pré-alfabetização.

Elas estão bastante curiosas para aprender novidades, por isso, é um ótimo momento para aproveitar dessa curiosidade e apresentar novas experiências. Apesar de tudo, ainda não compreendem coisas que estão além de suas vivências do dia a dia.

Como ainda estão no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, elas ainda se veem dependentes de seus responsáveis para conseguirem ler novas historinhas. Essa fase requer essa conexão entre a criança e alguém que leia a história com ela.

Para cativar o interesse dessas crianças, o livro deve ser dinâmico e divertido. As ilustrações necessitam, além de explicar a história, contar uma nova uma nova interpretação.

Com isso, quero dizer que a ilustração deve, além de representar a história escrita, acrescentar elementos novos além do que foi descrito. Dessa maneira, além da criança conseguir ter uma noção do que está escrito mesmo sem saber ler, ela pode dar asas à sua imaginação e começar a contar uma história além da que está sendo escrita.

“Um dia ao levar Raphael na neurologista havia um menino na sala de espera. Essa criança aparentava estar nervosa, ansiosa, um tanto quanto inquieta - por mais que estivesse sentada, educadamente em sua cadeira - mas meu filho percebeu sua inquietação.

Curiosamente, poucos dias antes eu havia conversado com ele sobre esse sentimento e de como é normal outras pessoas também se sentirem ansiosas, sem saber como agir.

Nesse dia eu disse para ele que algo que me acalmava muito era um bombom. Ao ver esse amigo na mesma sensação que ele estava há poucos dias, ele virou para mim e falou “mamãe, posso dar um bombom pro meu amiguinho?”

Ele se viu naquela situação e, por mais que às vezes ele tenha suas dificuldades para se colocar no lugar dos outros, ele conseguiu praticar sua empatia pois sabia que era muito ruim o sentimento que aquele colega estava sentindo. Naquele momento, o menino não aceitou o doce, mas ele estava visivelmente bem mais tranquilizado.”



5. Ilustrando

5.1 ILUSTRANDO O LIVRO



Ilustração é uma imagem capaz de transmitir uma mensagem; ela pode ser utilizada para compor, explicar, interpretar, informar ou, até mesmo, como forma de se sintetizar um texto.

As ilustrações podem acompanhar textos ou podem ser imagens que, sozinhas, transmitem a comunicação desejada. A ilustração também abrange fotos, colagens, pinturas.

Dentro do livro, a ilustração é importante na hora de se contar uma história. Para livros infantis, a história é apenas uma parte do universo da leitura; quando pequenas, o que desperta a atenção e a curiosidade das crianças são os desenhos que elas estão vendo.

Quando muito pequenas, elas ainda não sabem ler, por isso, as ilustrações são um grande suporte narrativo para que elas entendam o contexto da história como um todo.

Muitas vezes, elas podem até não se interessar tanto com o que está escrito, mas, sim se interessar tanto pela ilustração a ponto de querer mergulhar nela e contar uma nova história baseada apenas no que está vendo.

A importância que o ilustrador possui dentro do livro não é apenas o de desenhar, é o de ilustrar, da melhor forma possível, a emoção que cada palavrinha daquela página quer dizer.

Ele traduz emoções em comunicações visuais. Uma de suas finalidades é a de criar um relacionamento entre o leitor e a obra; é tocar o sentimento de quem irá ler o livro. Outro ponto importante é de como o designer consegue influenciar na qualidade do livro.

O ilustrador agora não possui apenas a função de ilustrar um livro, mas de usar do espaço do livro, da diagramação, da melhor forma; ilustrações muito escuras não irão contrastar com textos em tons escuros. Todas essas nuances devem ser levadas em consideração para entregar o melhor produto.

Dentro da ilustração ainda encontramos um outro tipo de suporte ilustrado: as vinhetas. De acordo com o dicionário, vinhetas são “Artes Gráficas. Pequeno enfeite usado para identificar ou ilustrar um livro, um texto; ornamento usado para enfeitar uma composição tipográfica.”

Elas não possuem o mesmo conceito de comunicação que a ilustração, elas estão ali como uma forma de apoio, de encantamento do livro. Ela estar ali ou não, não muda a narrativa da história, mas adiciona um toque de graça e beleza às páginas.

5. ILUSTRANDO



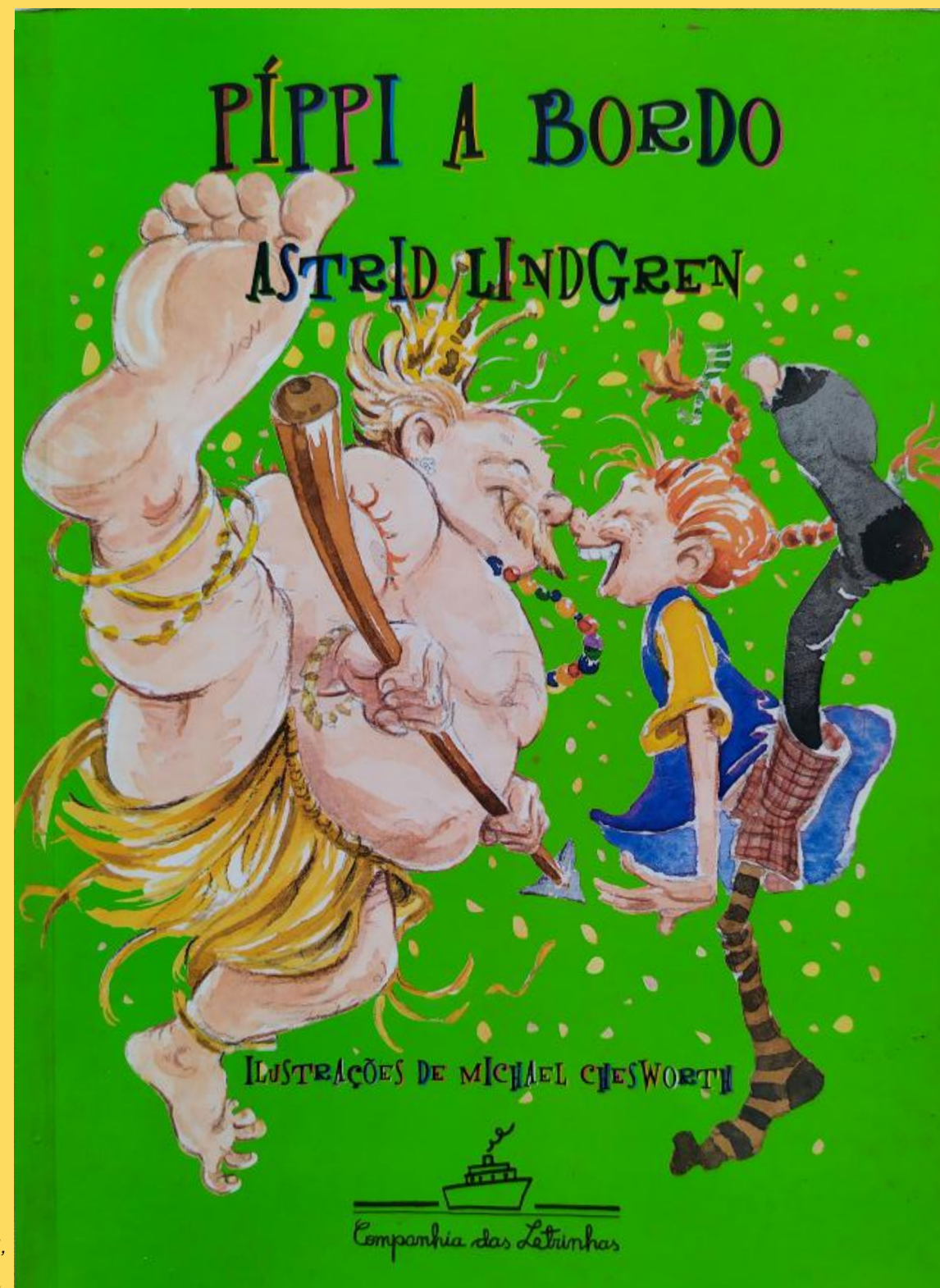
Na primeira imagem, em um exemplar de 'Alice no País das Maravilhas' exemplos de vinhetas.

Na segunda imagem, em outro exemplar de 'Alice no País das Maravilhas', um exemplo de ilustração.

“Aos 7 anos meu pai faleceu e um tempo depois minha mãe me deu um livro chamado ‘Pippi a bordo’ da escritora Astrid Lindgreen. É um livro sobre a menina moleca Pippi Meialonga. Nesse ano em específico, eu não estava mais lendo por ainda sentir muito a perda do meu pai. No entanto, esse livro brilhou meus olhos no segundo em que vi a capa: o homem retratado lembrava muito o meu pai.

Devorei o livro porque queria saber quem era aquele homem da capa, mas no final acabei entendendo o propósito do livro. A menina Pippi era uma menina que sempre tentava ver as coisas de bom em sua vida e tentar fazer o melhor com o que tinha; ela não morava com os pais e, aquele homem da capa, era o seu pai que era rei dos canibais em um local distante. Apesar da distância, ele nunca deixou de a amar.

Quando terminei de ler o livro, tentei absorver toda a essência da personagem e superar o que aconteceu. Até hoje guardo o livro com muito carinho e, volta e meia, me pego folheando o livro e lendo apesar da história não ser mais para a minha idade.”



5.2 ILUSTRAÇÃO NO UNIVERSO AUTISTA



O maior ponto sobre a ilustração voltada para crianças autistas são as cores. O autista tem uma percepção diferenciada sobre muitas coisas e com as cores não é diferente. Apesar das peculiaridades de cada um, o estímulo que cada cor exerce sobre as pessoas faz a diferença. Para começar, podemos perceber como a cor é importante até para discutirmos o símbolo do autismo.

No dia 2 de abril é o Dia Mundial da Conscientização do Autismo, onde inúmeros monumentos ao redor do mundo são iluminados pela cor azul; essa cor em um primeiro momento, foi designada pelo fato de que a proporção de homens com o transtorno é maior (Dados da OMS apontam que os meninos representam 80% do total de crianças diagnosticadas com TEA). No entanto, não é apenas por esse motivo que a cor azul representa o autismo.

O azul também estimula o sentimento de calma e equilíbrio, passa uma sensação de conforto e serenidade, algo que a pessoa autista necessita, ao mesmo tempo em que é um tom que é considerado frio, representando um pouco do distanciamento social que ocorre. É um símbolo equilibrado.

Muitas crianças que estão dentro do espectro possuem padrões complexos e individuais e, da mesma forma que uma criança que não está dentro do espectro necessita de estímulos e informações sensoriais para se organizarem, as crianças autistas também buscam esse estímulo.

As ações que uma criança faz resultam em informação sensorial para o seu cérebro, o que não é diferente em se tratando de ilustrações e cores. Elas buscam essa informação como forma de estimular suas mentes, se o estímulo não for o correto, pode atrapalhar suas atividades.

Os diversos tons existentes têm ações diferentes e podem servir tanto para estimular a pessoa autista, como para fazer com que se afastem. A sensibilidade visual que possuem - hipersensibilidade quanto a hipossensibilidade - devem ser colocadas na ponta do lápis ao se preparar um material voltado para elas.

Caso o estímulo visual contenha muitas muitas informações, a pessoa poderá ficar fragilizada, incomodada e sobrecarregada. Esse tipo de problema pode fazer com que a criança abandone a leitura.

Uma criança autista que esteja tentando ler um livro com muitas cores neon, pode acabar se frustrando e perdendo a concentração, abandonando a tarefa de ler o livro e podendo entrar em crise: se machucando, gritando e batendo ou saindo do local onde está e recusando a voltar ou simplesmente paralisando suas ações, como em uma espécie de congelamento.

ZINK, Andriana
MORAL, Adriana
SHIMABUKURO, Estela
MOLINA, Eder. 'Higiene bucal para pessoas com TEA'. Ilustrações: Filipe Pessoa de Andrade. 2017.



ZINK, Andriana
MORAL, Adriana
SHIMABUKURO, Estela
MOLINA, Eder. 'Entendendo o Autismo'. 2017.



MION, Marcos 'A escova de dentes azul'. Panda Books, Ilustrações: Fabiana Shizue. 1ª edição 2016.

6. Era uma vez...

6.1 MOTIVAÇÃO



Por ser mãe e, ainda por cima, mãe de uma criança autista, acredito ter experiência o suficiente para dizer que as pessoas ainda possuem muita reticência e pouco conhecimento acerca do autismo.

A falta de conhecimento sobre o assunto pode levar a abordagens erradas sobre o autismo. Ao invés de uma inclusão, pode ocorrer uma exclusão. Qualquer criança precisa entender o que está acontecendo ao seu redor para poder acolher qualquer colega com alguma necessidade especial.

Minha maior motivação para discutir sobre esse tema, é pensar justamente no meu próprio filho. No futuro, gostaria que as pessoas pudessem compreender que, muitas vezes, ele só precisa de um pouco mais de atenção e paciência para entendê-lo melhor. Não é birra, não é ser mimado, é uma necessidade pessoal.

Por esse motivo, optei em unir um tema tão importante com uma paixão pessoal: a ilustração. Dessa maneira, conseguiria transformar ilustrações em um projeto editorial, de forma a apresentar um pouquinho do autismo para outras pessoas.

A melhor forma de inclusão é através da informação, por isso acho tão necessário um projeto como esse.

“Ensinar às crianças que a diversidade é natural, saudável e positiva, é um passo importante e essencial para a construção de uma sociedade mais inclusiva”

WERNER, Andréa.

“Uma vez fui a um aniversário de um colega de escola do Raphael; lá se encontrava uma outra colega de sala, com necessidades especiais. Ela estava tirando o brinquedo da mão de uma outra menina, que estava visivelmente irritada.

Ao pegar o brinquedo de volta, explicando que estava com ele primeiro, a mãe da menina veio, tirou o brinquedo de sua mão e disse: ‘você não pode fazer isso porque ela é especial!’ A criança aceitou por ser uma ordem de sua mãe, mas continuou sem entender o porquê da outra criança ser ‘especial’ e, a partir de então, não chegou mais perto dela, muito menos brincou com ela pelo resto da festa.”



6.2 A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA



Para que conseguisse construir minha narrativa, o primeiro passo foi ler livros infantis de todas as formas. Sejam histórias comuns de contos de fadas, como os clássicos, histórias inclusivas ou de aceitação pessoal, livros didáticos e técnicos sobre autismo ou construções de histórias.

Todas essas narrativas se fizeram presentes ao elencar o que teria no meu projeto. Dessa forma, consegui estruturar a base desse projeto e definir os rumos da história. Como já dito, a escolha da história é para trazer à tona a discussão do autismo.

Dar a voz para crianças que ainda não sabem comunicar o que estão sentindo é a principal função desse projeto, além de demonstrar como o livro é uma forte fonte de ligação e conexão com o intelecto das crianças.

Trazer uma história com uma narrativa um pouco mais complexa, sem a presença de um vilão encarnado, mostrando que a criança tem, sim, condições de entender histórias com maiores camadas do que as histórias habituais.

O grande desafio é conseguir retratar uma criança autista, ao mesmo tempo em que outra criança supera seus próprios preconceitos, para que, enfim, elas possam construir uma amizade. A motivação dessa jornada, começa dentro do próprio convívio social das crianças. Várias crianças, de formas diferentes, convivendo juntas; cada uma com suas particularidades.

Esse livro não é voltado exclusivamente para as crianças autistas, ele é voltado para pessoas que não possuam contato direto com alguma criança autista e, por isso, ainda não entendem muito bem as características do espectro. Sendo assim, é um projeto editorial de um livro **paradidático**.

Paradidático é o que complementa o ensino, o livro didático irá ensinar o passo a passo de algum ensino, orientando seu leitor de forma direta. O livro paradiático tem como função aprofundar mais em um assunto, com mais riqueza de detalhes conteúdos abordados em livros didáticos; ele possui seu próprio propósito didático. No caso desse projeto, é o de apresentar o autismo a quem venha a ler. Esse projeto é uma ponte de comunicação entre materiais didáticos e lúdicos, criando seu próprio canal de comunicação para passar um conteúdo.



Um exemplo de livro paradidático: a história nos apresenta a menina Rita, filha de um pescador, até o momento em que as baleias chegam na história, ou como Rita as chama: Mati.

A partir de então a menina busca conhecer mais sobre elas, ela fica cada vez mais fascinada. No final, depois de muitas reviravoltas, as pessoas aprendem a conviver com as matis, mas o que importa é que Rita ganhou mais uma nova amiga.

Assim que a história de Rita termina, surgem novas páginas com dados e informações relativos onde se passa a história, sobre as vidas marinhas que ali habitam e, claro, informações sobre as orcas (ou matis).

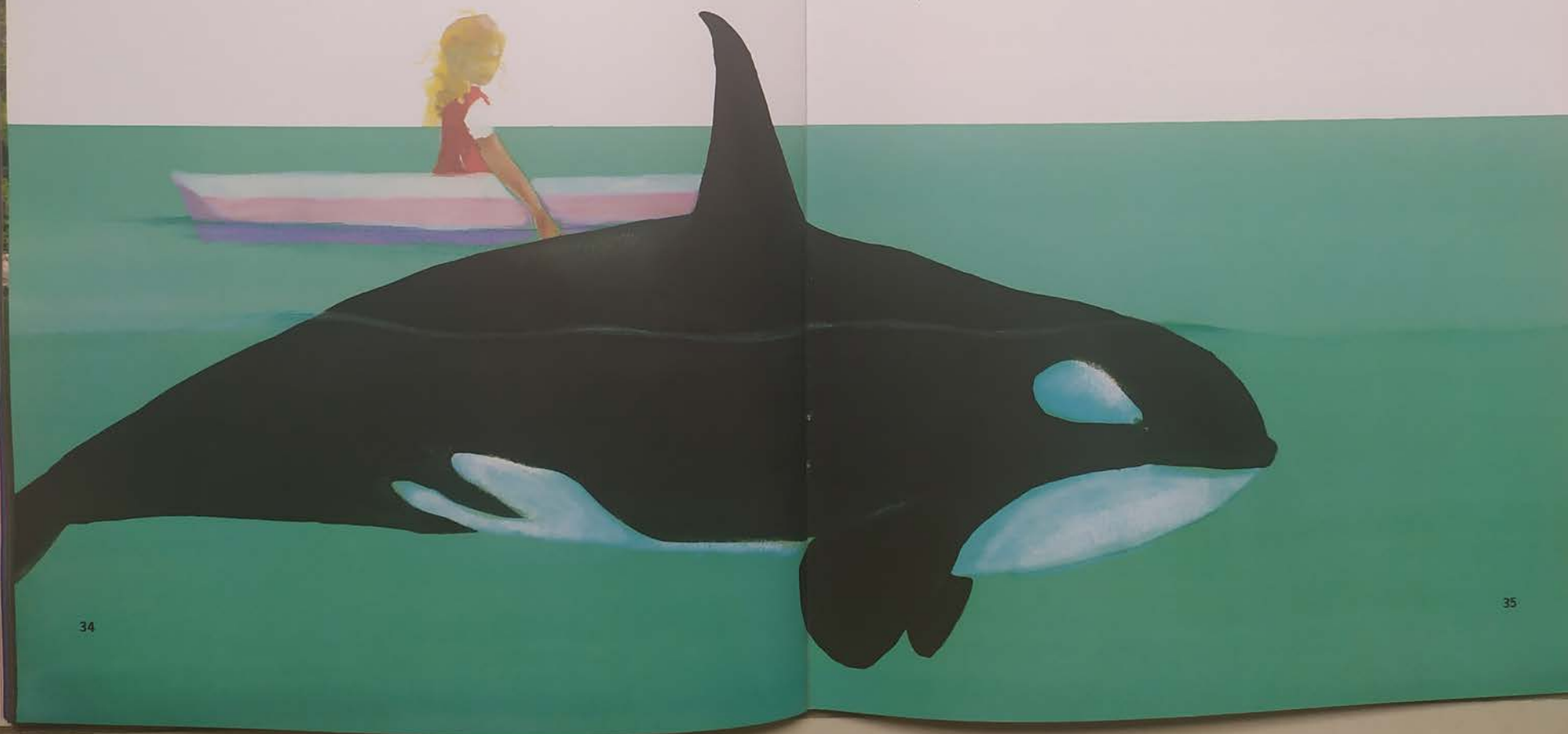
HETZEL, Bia 'A orca e a caiçara'.
Ilustrações Graça Lima. 4ª reimpressão
Rio de Janeiro, Manati: 2006.

Tem muita gente que nunca mais vai à praia depois que encontra com as matis, com medo de enfrentar "baleias assassinas". Outros, ao contrário, ficam perseguindo os animais. Mas a grande maioria dos visitantes é como aquele pessoal da lancha: nem repara na presença das matis. Quando passam pela baía, correndo atrás da vida, muitas vezes atropelam, sem perceber, o equilíbrio da natureza e dos caiçaras, provocando uma onda de destruição que às vezes é impossível de deter...

Mas esta é a história de Rita, e o que importa é que ela ganhou uma amiga, que às vezes desliza ao seu lado pela vida.

Por isso, se você navegar lá pelas águas da Baía da Ilha Grande, abra bem os olhos para vigiar o mar. Quem sabe não encontra as duas pescando juntas, nas noites fosforescentes de algum verão?

Ah!, e se encontrar a mati sozinha, não tenha medo. A Rita descobriu que sua amiga pode até ser descendente de matis piratas, que um dia vagaram pelos oceanos, mas, desde que chegou à baía, ela virou uma mati caiçara: escolheu viver para sempre naquele lugar lindo, tirando da natureza só o pouco de que precisa...



| | Machos | Fêmeas | Filhotes ao nascer |
|-------------------|---------------------------------------|---------------------------------------|---------------------|
| Tamanho | de 5,2 a 9,8 metros | de 4,5 a 8,5 metros | cerca de 2,2 metros |
| Peso | até 8.000 quilos | até 4.000 quilos | cerca de 180 quilos |
| Nadadeira dorsal | triangular até 1,8 metro de altura | falcada menos de 1 metro de altura | |
| Maturidade sexual | entre 5,2 e 6,2 metros | entre 4,6 e 5,4 metros | |

COMO VIVEM Assim como todos os mamíferos, a orca tem pulmões e precisa respirar. Após cada mergulho, ela renova o ar dos pulmões que, estando a uma temperatura mais alta do que a temperatura ambiente, condensa-se e forma um vapor chamado "borrifo". Quanto maior o tempo que o animal esteve submerso, maior o som e a altura do seu primeiro borrifo. Nos adultos, a altura do borrifo pode atingir até 3 metros. As orcas podem permanecer cerca de 10 minutos debaixo d'água e, quando se deslocam, podem desenvolver velocidades de até 40 quilômetros por hora.

Embora seja comum encontrar orcas solitárias, esses animais apresentam laços sociais muito fortes. Geralmente, formam pequenos grupos familiares de 5 a 20 indivíduos. Às vezes, podem ser vistos grandes grupos de mais de 100 orcas.

Uma orca geralmente vive junto do mesmo grupo por toda a vida, e os filhotes costumam ficar ao lado das mães mesmo depois de adultos. Os grupos são formados por animais de ambos os sexos e de todas as idades. A sociedade é matriarcal: quem manda nos grupos são as fêmeas mais velhas.

Em certas regiões do mundo foram identificados dois tipos de grupos de orcas: os residentes e os viajantes. Como o próprio nome indica, as orcas residentes vivem sempre na mesma região, geralmente em áreas costeiras e protegidas, onde há fartura de alimento, em grupos de no mínimo 5 animais. Já as viajantes vagam pelos oceanos em pequenos grupos de no máximo 5 animais. As residentes jamais se asso-

ciam com as viajantes, e vice-versa. Na costa brasileira, os estudos ainda não permitiram concluir se também existe esse tipo de diferenciação entre os grupos de orcas.

As orcas são animais inteligentes e curiosos, que gostam de se aproximar de embarcações. Mesmo sendo muito pesadas, elas saltam, batem com as nadadeiras na superfície da água e colocam a cabeça para fora para "espiar" o que se passa ao redor. Toda essa atividade, porém, pode ser compensada em descansos prolongados, quando os animais bóiam imóveis na superfície durante horas.

As orcas comunicam-se através de uma grande variedade de sons e também com movimentos e sinais do corpo. As vocalizações são parecidas com estalos e assobios. Cada grupo emite um conjunto de sons único, que o diferencia dos demais.

COMO SE ALIMENTAM A orca possui de 20 a 24 pares de grandes dentes, mas não mastiga o alimento: os dentes servem apenas para segurar a presa. Acredita-se que uma orca precise ingerir o equivalente a 4% do seu peso diariamente, o que corresponde a cerca de 250 quilos de comida por dia para um macho adulto!

Assim como os leões e os lobos, as orcas caçam de maneira cooperativa, formando verdadeiros "times" bem-organizados onde cada animal tem uma função durante a caça.

A dieta é variada. Em certos locais, descobriu-se que as orcas residentes alimentam-se basicamente de peixes, enquanto as viajantes alimentam-se de qualquer presa disponível em

Cetáceos que costumam ser encontrados na Baía da Ilha Grande
Esquema aproximado de proporções



seu trajeto pelos oceanos. De modo geral, as orcas alimentam-se de várias espécies de peixes (inclusive tubarões e raias), lulas, cetáceos (baleias e golfinhos), focas, lobos-marinhos, leões-marinhos, elefantes-marinhos, pingüins, aves marinhas, e até mesmo de tartarugas!

INIMIGOS E AMEAÇAS A orca não possui inimigos naturais, pelo fato de ser, juntamente com o tubarão-branco, um dos maiores predadores dos mares. A maior ameaça natural à sua vida talvez seja o desgaste dos dentes, que pode fazer com que o animal não consiga mais alimentar-se.

As principais ameaças causadas pela ação do homem são a captura (proposital ou acidental) e a degradação dos mares pela poluição.

Outro tipo de ameaça é a interação com pescarias. Em alguns locais, as orcas aprenderam a "roubar" os peixes capturados no espinhel (longa linha com vários anzóis) que os pescadores armam para capturar peixes grandes. No Brasil, este comportamento tem sido obser-

vado na pesca de atuns e espadartes no Espírito Santo e no Rio Grande do Sul, onde os pescadores prejudicados costumam afugentar os animais de modo agressivo.

Em várias partes do mundo, as orcas são caçadas ou mortas por pescadores que as consideram competidoras. No Japão, a carne é utilizada para o consumo do homem e as vísceras servem para fabricar fertilizantes e como iscas para a pesca. Na Noruega, usa-se a carne para fazer ração para animais domésticos.

Várias orcas também já foram mortas durante a captura e transporte para exibição em aquários. Atualmente, em vários países há leis que impedem ou limitam o comércio de orcas para exibição. No Brasil, é proibido capturar, perseguir e molestar qualquer espécie de boto, golfinho ou baleia. Além disso, também está proibida a compra de animais vivos vindos de outros países, seja para criação com fins comerciais, seja para manutenção em cativeiros de estimação ou ornamentação, ou ainda para exibição em espetáculos.

HETZEL, Bia 'A orca e a caiçara'. Ilustrações Graça Lima. 4ª reimpressão. Rio de Janeiro, Manati: 2006.

A personagem em destaque é autista, é ela quem irá ilustrar como é viver dentro do espectro. No entanto, não será ela a narradora da história.

Para criar uma dinâmica divertida e com uma abordagem linguística próxima das crianças de 4 a 6 anos, a narradora da história será outra criança, uma colega que não está dentro do espectro autista. Esse eu-lírico irá contar como é o seu colega, quais são seus traços, suas curiosidades, características e personalidade e o porquê essas duas pessoas, mesmo com suas peculiaridades, se tornaram tão amigas.

Esse obstáculo, o de tentar se afastar do que é diferente, é comum para todas as crianças dessa idade. É normal uma criança que tenha qualquer tipo de dificuldade acabar não possuindo um amplo círculo de amizade. Por isso a inserção de uma personagem que poderá representar todas essas crianças é tão importante.

Essa personagem pretende criar um laço com o leitor, prender sua atenção na história e mostrar que o diferente pode ser bom. Para o leitor, ao ver que o livro é contado por outra criança, de idade parecida, com um convívio social parecido do seu, faz com que ela crie um laço de imediato com a história e se motive a descobrir do que se trata a narrativa.

Para desenvolver esse jornada, analisei estruturas presentes em livros infantis; uma delas, é a Jornada do Herói. São doze passos que são utilizados para estruturar a narrativa e, após analisá-los uni ao enredo os pontos que faziam sentindo com a história. Assim, o projeto começou a se juntar, de forma a não deixar nenhum pensamento solto.

Passos da Jornada do Herói incorporados ao enredo:

- 1. O chamado à aventura:
Aprender a lidar com
as diferenças**
- 2. Reticência do chamado:
O medo de se relacionar
com alguém atípico**
- 3. Encontro com o mentor:
Figura de autoridade
explicando sobre inclusão**
- 4. Provação central:
A tentativa de amizade
entre as crianças**
- 5. Recompensa:
As crianças se tornam
melhores amigas**
- 6. Retorno com o elixir:
A inclusão faz bem para
todos que estão ao redor**

6.3 AS PERSONAGENS



Esse projeto retrata a história de uma criança que é considerada atípica, mostrando o que significa ser uma criança autista e, mais ainda, como é uma criança autista inserida no meio social. Por ter como base o Raphael, achei nada mais justo do que pedir ajuda para ele ao desenvolver as personagens desse livro.

O desenho, estética, cores e tudo mais das personagens foram feitas em conjunto com ele, refletindo como ele gostaria de ser visto e representado. Dessa maneira, acredito conseguir colocar mais da própria visão dele sobre sua vida e sobre o assunto, do que apenas a minha. Dividir essa experiência com ele tem ajudado a criar uma confiança nele ao se expressar, ao me contar sobre como ele prefere as personagens e tem fortalecido nosso laço.

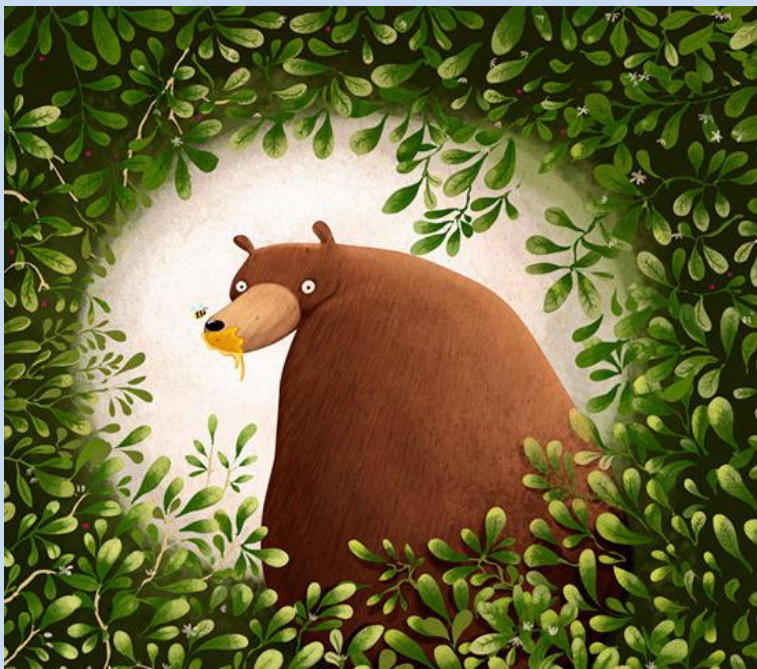
Começamos eu e ele conversando sobre como ele enxergava os amiguinhos em sala de aula e em como ele gostaria de expressá-los dentro de uma história. As fantasias começaram a surgir quase que imediatamente ‘quero uma amiga com cabelo rosa, nariz pequenos e olhos bem grandes!’;se tornando um ótimo exercício para sua criatividade.

Por começar a descrever as personagens, ele passou a prestar mais atenção aos detalhes dos livros que lemos juntos. É

sempre muito difícil fazer com que ele preste atenção em algo mais estático, como um livro. Mas ao perceber que ele poderia incorporar características dos livros, tanto nos seus desenhos, como em brincadeiras, fez com que ele comesse a descrever as cenas e passasse mais tempo segurando os livros.

Depois de dar espaço para que ele falasse e ‘anotasse’ suas ideias, comecei a esboçar junto com ele os primeiros rabiscos de nossa história. Para essa fase, fizemos um *moodboard* com referências ilustradas para que nos guiassem e pudéssemos, enfim, começar a criar uma estética.

6. ERA UMA VEZ



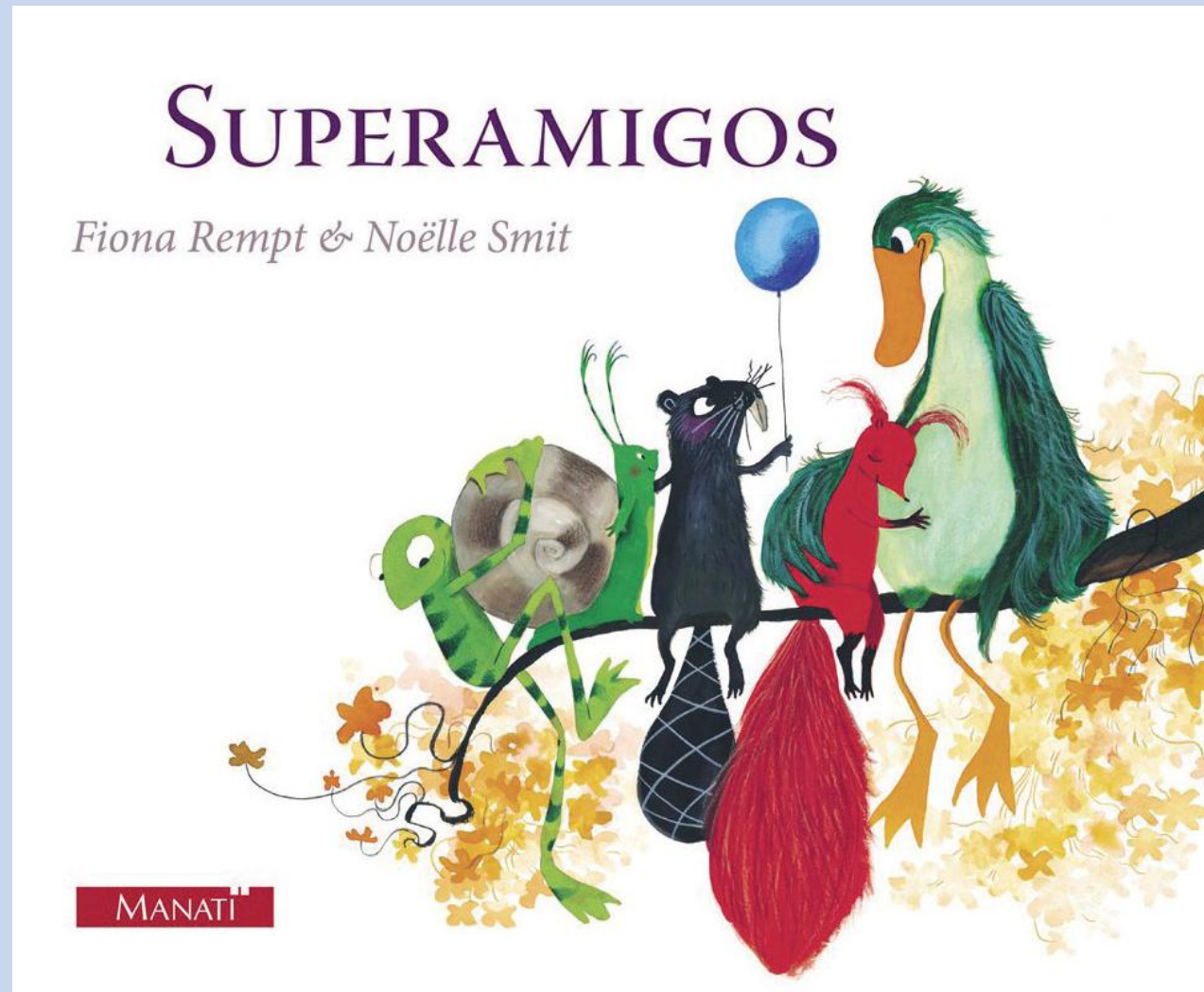
Artistas como Carmen Saldanha, Vanessa Gillings, Lisa Rossa e Isadora Zeferino me inspiram

6.4 REFERÊNCIAS



Para a construção desse projeto reuni livros paradidáticos, cartilhas educativas e livros ilustrados com os mais variados temas, desde inclusão social ao preconceito; todos com estilos gráficos e propostas diferentes uns dos outros.

Os diversos formatos de livros e histórias são importantes para criar um acervo tanto gráfico, quanto literário para a produção da minha própria história, além de ajudarem a criar um repertório visual.



REMP, Fiona;
'Superamigos'
Ilustrações
SMIT, Noëlle.
Rio de Janeiro
Manati: 2010

No livro “Autismo - Do que se trata” foi utilizado como grande exemplo para poder explicar - e entender - o que é o ‘eu’ para uma pessoa autista.

A cartilha busca ressaltar esse aspecto do autismo: a incerteza sobre a própria existência. Isso significa que o aspecto determinante para toda pessoa autista é essa dificuldade em entender o eu e, a partir disso, é que toda a condição se desenvolve, de forma diferente, para cada indivíduo, uma vez que a decifração e a evolução desse processo, são distintas para cada um. Em cima desse material, consegui compreender melhor a forma como deveria abordar o assunto.

Antes de chegar na parte didática, o livro contém uma cartilha ilustrada que nos apresenta a algumas das mais marcantes características autísticas. O mais interessante é que a combinação do texto curto, direto e informativo, em conjunto com a ilustração e seus tons calmos, cativou a atenção do Raphael de maneira que ele me pediu para ler o livro para ele.

“O autismo é uma patologia de sobrevivência diante da perda ou da falta de constituição dessa primeira formação do eu... o que leva a essas crianças a criar cápsulas ou conchas artísticas, evitando a todo custo o contato com o que é não-eu, isto é, o mundo”

Kemper, Christiane, 2018, p. 37





KEMPER, Christiane; FONTES, Ivanise; TASE, Fernanda; TOMÉ, Gabriela; PUPPIN, Mariana.
'Autismo: do que se trata'
1ª Edição. Rio de Janeiro:
Autografia, Agosto de 2018



KEMPER, Christiane; FONTES, Ivanise; TASE, Fernanda; TOMÉ, Gabriela; PUPPIN, Mariana.
'Autismo: do que se trata'
1ª Edição. Rio de Janeiro: Autografia, Agosto de 2018



INSTITUTO PENSI
'Autismo: uma realidade'
Ilustrações Ziraldo. São
Paulo: Megaterio Studio,
2013

A cartilha 'Autismo: Uma realidade' tem por intuito ajudar pais, professores, profissionais da saúde a identificarem, o mais cedo possível, sinais de que a criança está dentro do Transtorno do Espectro Autista.

A primeira infância da criança é algo a ser analisado com extrema atenção. Nela podemos perceber diversos sinais de sua característica, assim como perceber sinais do TEA. Reconhecer esses sinais e ir atrás de especialistas pode mudar a vida da criança por inteiro. Quanto mais cedo o fechamento do diagnóstico, melhor para todos os envolvidos; dessa forma o desenvolvimento social e pessoal da crianças podem ser trabalhados de forma que ela possa desfrutar melhor de sua vida.

Com exemplos práticos e característicos, Ziraldo ilustra muito bem esse universo, assim como também ilustra maneiras corretas de se lidar com a situação no dia a dia. Com paciência, amor e uma rede de apoio, tudo se torna mais fácil.

OBSERVANDO ESTES SINAIS...



O aluno evita
contato visual?

O desenvolvimento
da linguagem parece
diferente?



7

Parece ter reduzida
capacidade de abstração,
ou seja, imaginar?



Apresenta interesse
exagerado em
assuntos muito
específicos?



Segue rotinas próprias
muito rígidas? Incomoda-se
quando foge
da rotina?



Se apresentar alguns
desses comportamentos, pode ser
que seu aluno seja autista.

13

No livro 'Meu Amigo faz iiii' somos apresentados ao Nil, um menino autista não-verbal. A autora é mãe de uma criança autista com as mesmas condições de Nil e usou de sua experiência e vivência para poder contar a história de seu filho Theo para outras pessoas.

A história nos ensina que podemos nos comunicar com crianças que não saibam falar e fazer com que exista uma troca de experiência, basta apenas mudarmos a nossa abordagem. Se observamos um pouquinho nosso colega de classe, conseguiremos entender melhor seus sentimentos: saber o que deixa feliz, o que incomoda, o que assusta, o que gosta de fazer... O truque é perceber que todos somos diferentes e temos formas diferentes de falar, mesmo que sem palavras.

Ele me ensinou sobre como é legal ver a areia cair e eu o ensinei a brincar de pega-pega. Quando ele fica triste, chora e se deita no chão, eu me deito ao lado dele e digo: "Eu estou aqui, já vai passar."
(Werner, Andréa, 2017, p 20)

Assim, conseguiremos estabelecer um contato, mesmo que não-verbal, e criarmos uma ponte de relacionamento. Com uma linguagem leve e divertida, a história não se limita a palavra autismo, já que em nenhum momento a palavra é mencionada, mas em como abordarmos e abraçarmos a inclusão pode fazer de nossas vidas um pouquinho melhor a cada passo que dermos.

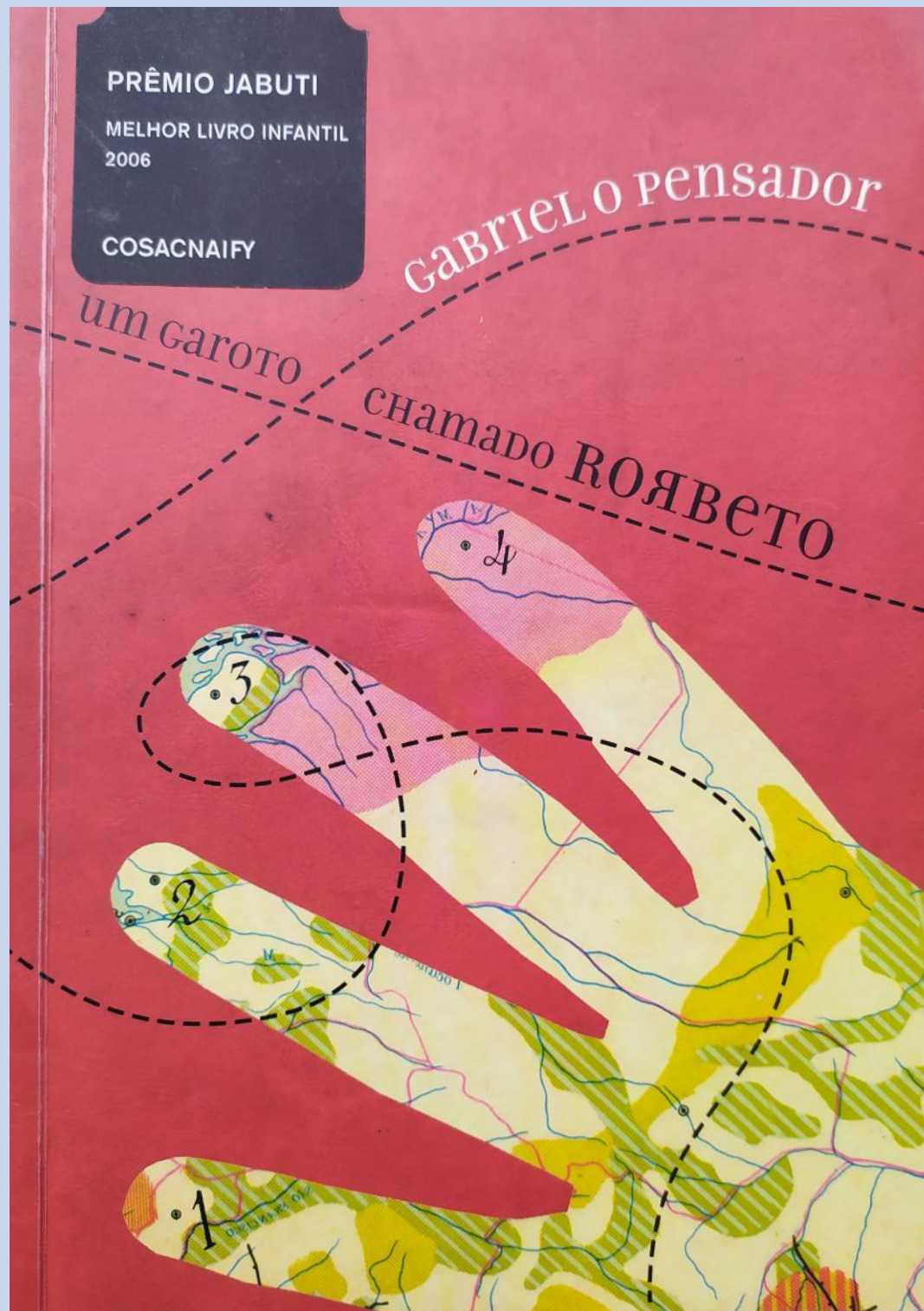


AÍ, FIQUEI PENSANDO:
EU NÃO GOSTO DE LAMBER
BORRACHA, MAS GOSTO DE JILÓ,
E MUITA GENTE FALA
“ECA”
QUANDO ME VÊ COMER.
EU TAMBÉM FAÇO BARULHOS
QUANDO ESTOU FELIZ.
E EU GOSTO DE ENROLAR MEU CABELO
NOS DEDOS ASSIM COMO
O NIL BALANÇA
AS MÃOS.

EU E O NIL SOMOS DIFERENTES EM ALGUMAS COISAS.
MAS TEMOS MUITO MAIS COISAS EM COMUM:
GOSTAMOS DE BRINCAR, DE PASSEAR, DE SUBIR NOS BRINQUEDOS
DO PLAY, DE BRIGADEIRO. TAMBÉM FICAMOS FELIZES E TRISTES.
A PROFESSORA TINHA RAZÃO.



WERNER, Andréa.
'Meu amigo faz iiii'
Ilustrações de Kelly Vaneli
1ª Edição. 2017.



Um outro grande exemplo que se fez presente no decorrer do projeto, foi o livro 'Um garoto chamado Rorabeto.' Nesse livro, conhecemos a história de Rorabeto, um menino diferente.

Um belo dia Rorabeto se dá conta de que tem um dedo a mais em sua mão direita, a sensação de medo e de não se encaixar toma conta do pobre menino, que se sente deslocado e temendo por virar chacota entre seus amigos. Seus 6 dedinhos são motivo de vergonha.

Ao decorrer da história, o que antes era um motivo de vergonha, se torna algo a se orgulhar: ninguém mais tem a mão igual à dele! Ele é único e especial do jeitinho que é.

Utilizando ilustrações e recortes, a história foi vencedora do Prêmio Jabuti (prêmio literário mais tradicional do Brasil) em 2006, ao propor uma narrativa dinâmica, divertida e com muita rima para narrar a história do menino Rorabeto.

*"Mas o filho falou: 'Não errou, não senhor!
O amor sempre faz tudo certo.'"*

(O PENSADOR, Gabriel, 2006, p55)



O PENSADOR, Gabriel
 'Um garoto chamado Rorbeto';
 Ilustrações Daniel Bueno.
 1ª reimpressão. São Paulo:
 Cosac Naify, 2006.

Com uma narrativa e ilustrações bastante interessantes para o conceito de aceitação pessoal e auto estima, o livro 'Salada de Frutas' também é um ótimo exemplo. Além do fato de ser um livro publicado por uma ex-aluna do meu curso, é um livro que aborda o tema sobre como nossos corpos são lidos e tidos como mais importantes do que nossa própria personalidade em um mundo onde padrões irreais estão acima do que qualquer outra coisa.

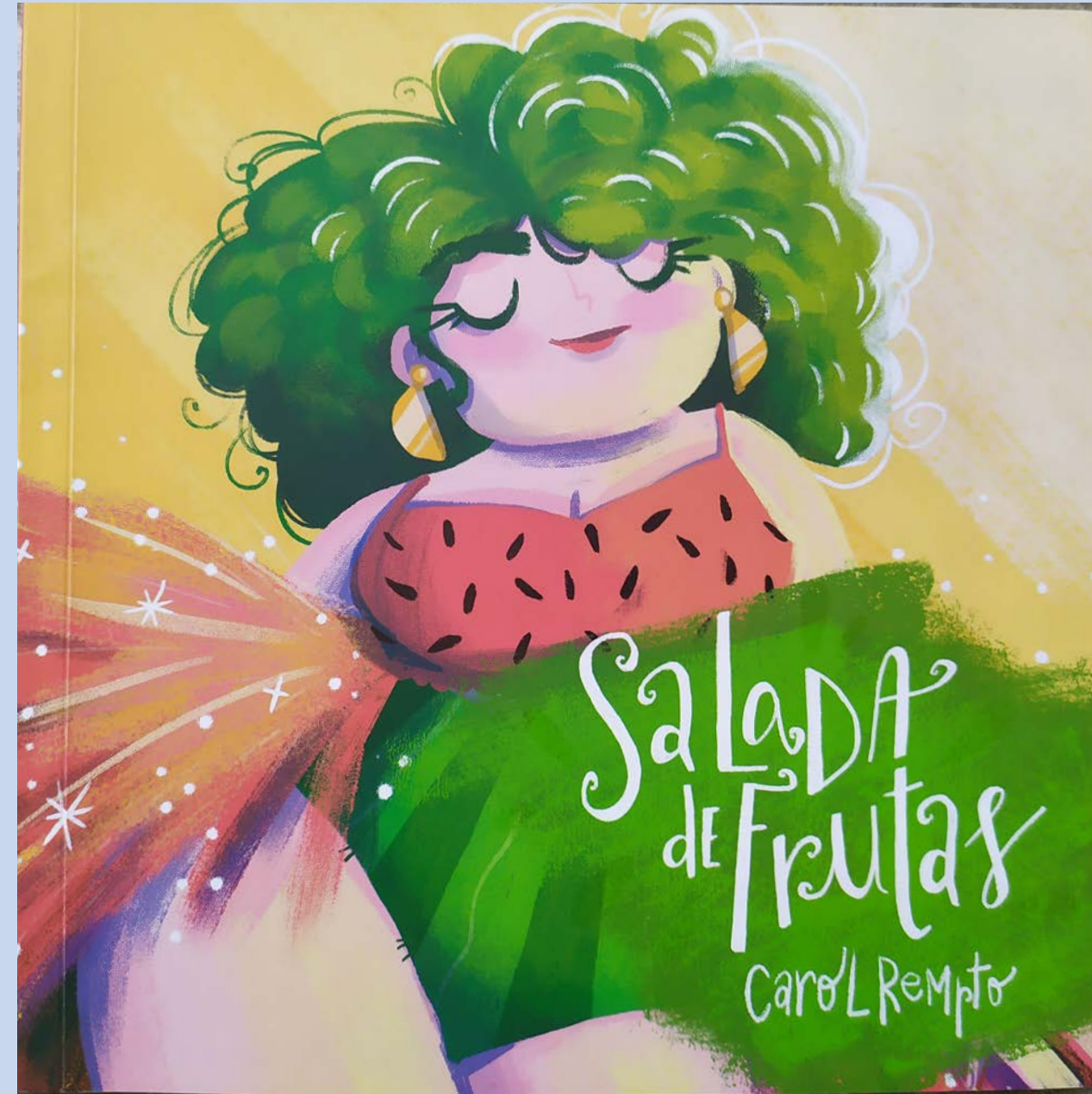
A constante luta por aceitação de uma pessoa acima do peso está muito além do que simplesmente estar com quilos a mais. Em um mundo com dietas malucas, corpos irreais no Instagram e photoshop, é preciso reafirmar constantemente o amor próprio por todos os tipos de corpos.

Com uma linguagem pessoal e ilustrações incríveis, a história consegue prender a atenção do seu leitor e fazer com que entenda que, antes de tudo, uma pessoa saudável é uma pessoa que ama seu corpo do jeitinho que é.

A inclusão e a igualdade são traços importantes para se definir e incluir em meu próprio projeto.

"Já agradeceu ao seu corpo por tudo que ele te proporciona?"

(REMPTO, Carol)



REMPTO, Carol.
'Salada de Frutas' 1ª edição.
Rio de Janeiro, 2019.



REMPTO, Carol.
'Salada de Frutas' 1ª edição.
Rio de Janeiro, 2019.

Outro projeto bastante interessante de mais uma ex-aluna da UFRJ é o da Renata Amoedo. 'Coisa de menino?' discute sobre o lugar da mulher na sociedade trazendo à tona toda uma estrutura machista em nossa sociedade.

O que seria coisa de menino? É justamente essa a discussão. Existe coisa para menino e coisa para menina? Será mesmo que uma menina não pode jogar futebol? E ser melhor do que qualquer outro menino? A protagonista irá superar todo e qualquer preconceito para conseguir realizar o seu sonho: jogar futebol.

Com uma pintura divertida, a história se baseia inteiramente nas ilustrações, não possuindo texto para contar a história. O ilustrador é o próprio autor da narrativa, utilizando apenas imagens. Baseado em histórias reais, de jogadoras reais, o livro conta a história de todas as mulheres corajosas o suficiente para se questionar: Coisa de menino?

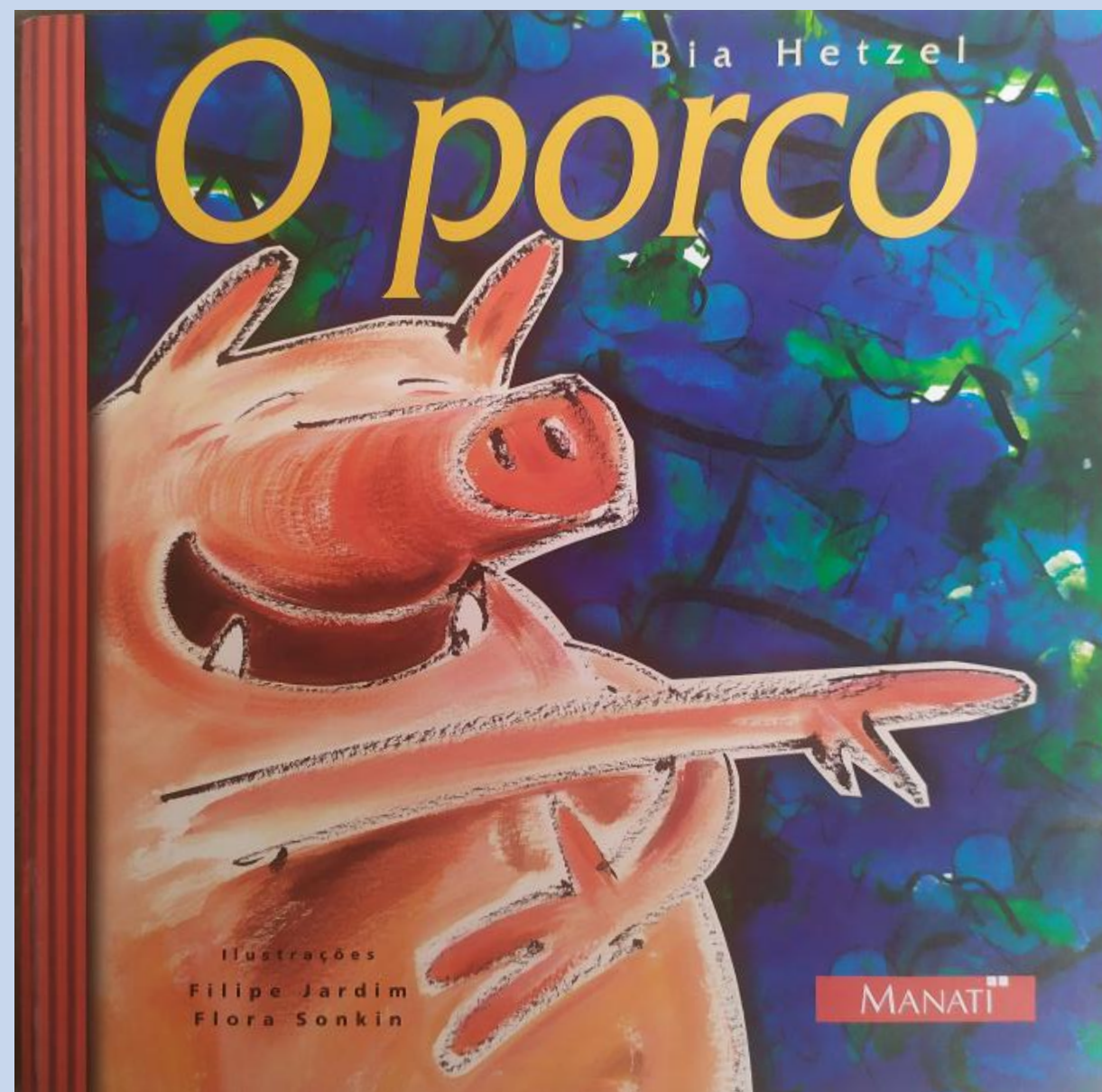




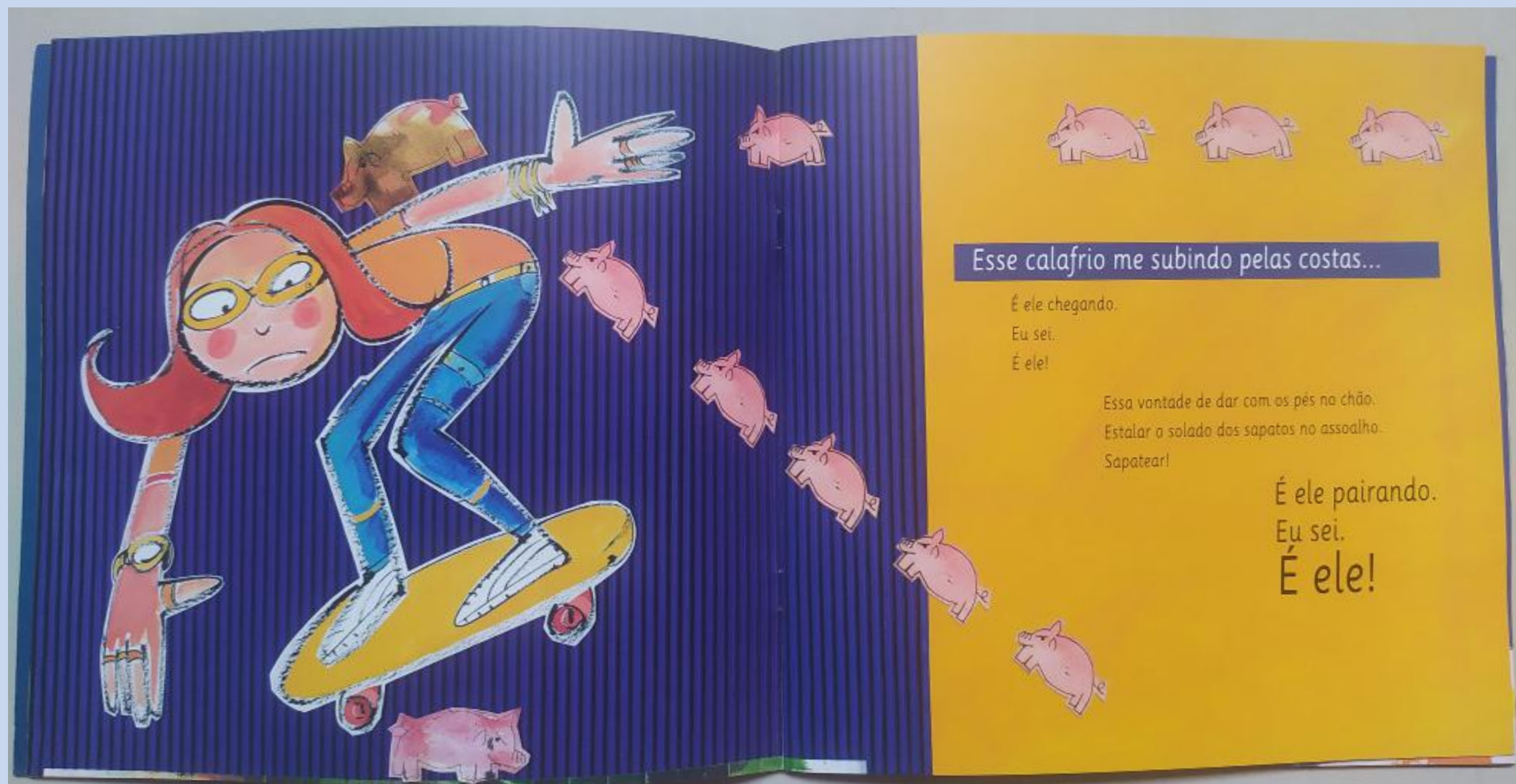
No livro 'O porco' as crianças são apresentadas ao termo 'espírito de porco' através de ilustrações com recorte e bastante movimento. A narrativa busca demonstrar que ali, dentro de cada um de nós, vive um pedacinho do espírito de porco e que nós devemos aprender a lidar e a conviver com esse sentimento. De forma divertida as crianças podem descobrir novos termos e aprender a lidar com o espírito de porco, aquele sentimento nos traz apenas coisas ruins: mau humor, agressividade, antipatia. A receita infalível contra ele é a diversão e a arte.

No final do livro, há uma máscara de porco que a criança pode usar e poder dar asas a sua imaginação de como seria o 'espírito de porco'.

Um fato bastante curioso, é que esse livro fez um grande sucesso entre crianças autistas; o livro despertou o interesse delas e conseguiu prender a atenção dessas crianças.



HETZEL, Bia. 'O porco'
Ilustrações Filipe Jardim; Flora
Sonkin. 1ª Edição. Rio de Janeiro:
Manati, 2000





E daí?! Não estou nem aí!
Sei lá! Vá se catar!
Desaforo.
Você não quer dizer, mas diz.
Para tudo você torce o nariz.
É o Porco!
É ele ali, encostado.
É ele o grosseiro, o mal-educado.

Muita gente não me entende
e pensa que sou cretino
ou então que estou doente.
Mas a culpa é dele! É do suíno!
Desse espírito transparente!

E o pior é que, quando ele baixa em mim,
parece até que se agarra, o bicho ruim!
Os minutos, as horas vão passando,
e ele continua atracado, me atazanando.

Vira sombra, esse Porco, vira encosto.



Vira máscara de mau humor no meu rosto!

6. ERA UMA VEZ



Máscara de porco que vem no final do livro, fazendo com que a criança crie uma conexão ainda maior com o livro e com a história.

*HETZEL, Bia. 'O porco'
Ilustrações Filipe Jardim; Flora
Sonkin. 1ª Edição. Rio de Janeiro:
Manati, 2000*

6.5 ILUSTRANDO E COLORINDO



Para o desenvolvimento desse projeto o estudo de cores, dentro do universo autista, foi levado em consideração. Por mais que o livro seja voltado para crianças de fora do espectro autista, é interessante que crianças autistas também despertem sua curiosidade nessa leitura para que possam perceber que elas merecem, sim, serem não apenas respeitadas, mas incluídas nas atividades do dia a dia por outras crianças e que elas merecem fazer parte de todo o convívio social.

Muitas cores, com diversas informações acontecendo ao mesmo tempo serão descartados. O importante é apresentar uma paleta de cores já conhecida por todas as crianças (azul, laranja, amarelo) de forma mais suave, como os tons pastel. Ainda trabalhando em cima de tons que sejam benéficos para crianças autistas.

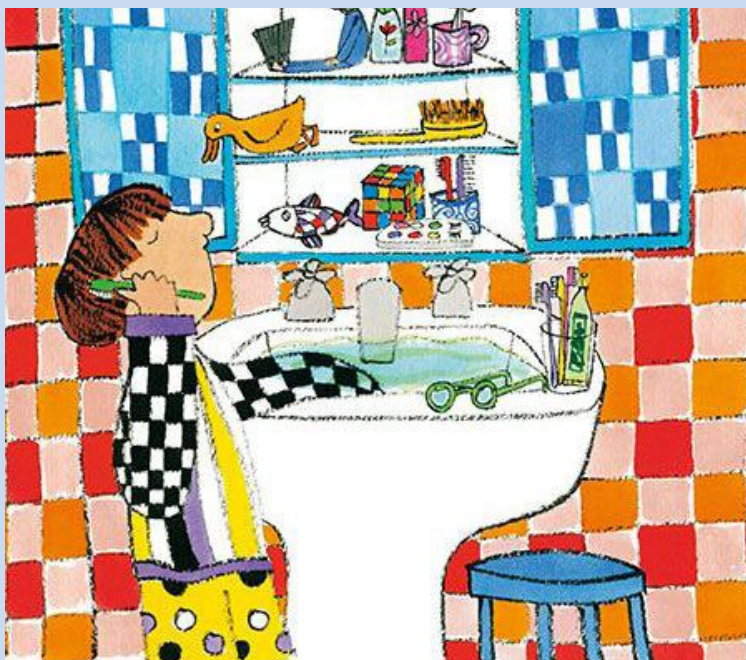
Nesse primeiro momento, pesquisei referências de diversos ilustradores com diversos tipos de técnicas. Toda essa gama de informação será fundamental para definir e estruturar a ilustração do meu próprio projeto. Quanto mais referências e estudos, melhor será o desenvolvimento das ilustrações dentro da minha própria narrativa.

Desenhos digitais, manuais, pinturas, cortes, colagens e outras técnicas foram levadas em conta. Todo suporte criativo é válido, e tem suas próprias características e benefícios, para se ilustrar uma história. Uma técnica com massinha ou bordado,

por exemplo, são capazes de despertar na criança o interesse por modelar, desenvolvendo sua criatividade, coordenação motora fina e ajudando em sua concentração.

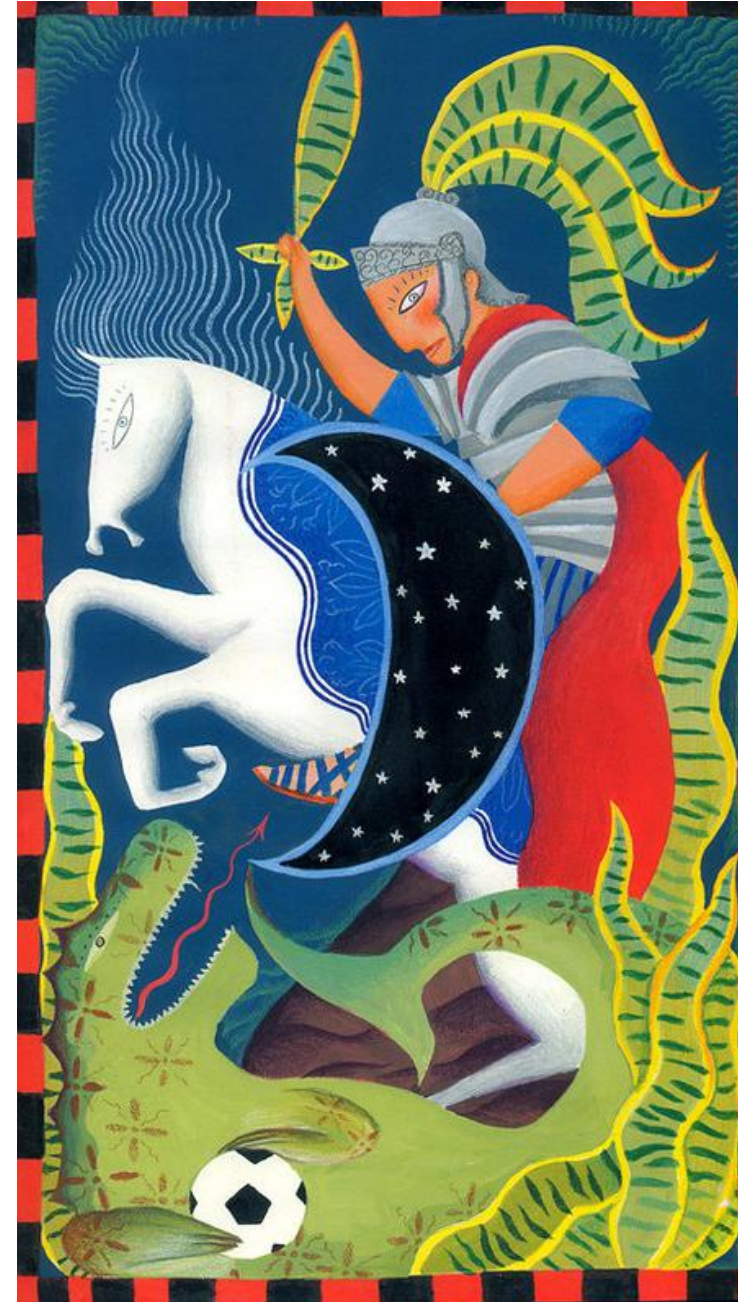
Técnicas digitais também são interessantes, uma vez que não necessitam de recursos físicos como papel, tinta, pincel, também estimula o contato da criança com tecnologias diversas de pintura, como aplicativos para telefones e tablets.

• **Ilustradores nacionais:**



• Da esquerda para direita:
Ziraldo;
Mariana Massarani;
Maurício de Souza;
Marcelo Xavier.;

● **Ilustradores nacionais:**



● Da esquerda para direita:
Grupo Matizes Dumont,
Rosinha, Roger Mello



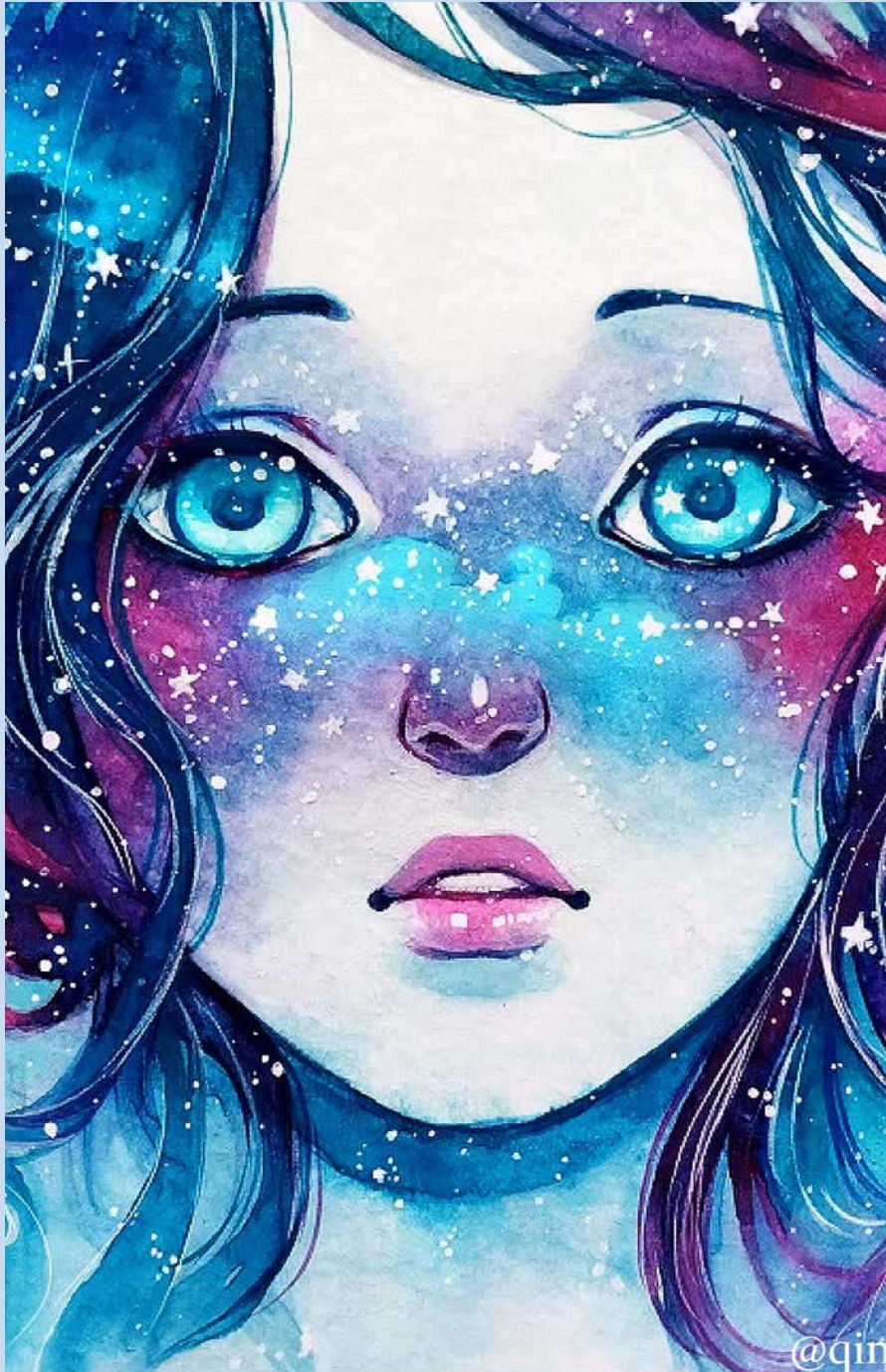
● Da esquerda para direita:
Rui de Oliveira;
Cíça Fittipaldi;
Graça Lima

● **Ilustradores internacionais:**



● Da esquerda para direita:
Masashi Kishimoto;
Rachel Winkle;
Joey Chou;

• **Ilustradores internacionais:**



Da esquerda para direita:
qinniart;
Cris Ramos;
Blanchiame;

6.5.2 MINHAS ILUSTRAÇÕES



Tendo em mente o meu tipo de projeto, meus estudos e referências, juntei meus desenhos onde o traço estivesse mais próximo ao que procuro.

Meus desenhos consistem em duas etapas: o bom e velho papel e o digital. O primeiro passo é desenhar no papel a base do meu desenho para, depois, vetorizá-lo ou desenhá-lo em aplicativos próprios para ilustração como o 'Procreate'.

Ao tentar explorar cada vez mais suportes para minhas ilustrações e graças à confiança que meus amigos têm por mim, algumas ilustrações se eternizaram em tatuagens!

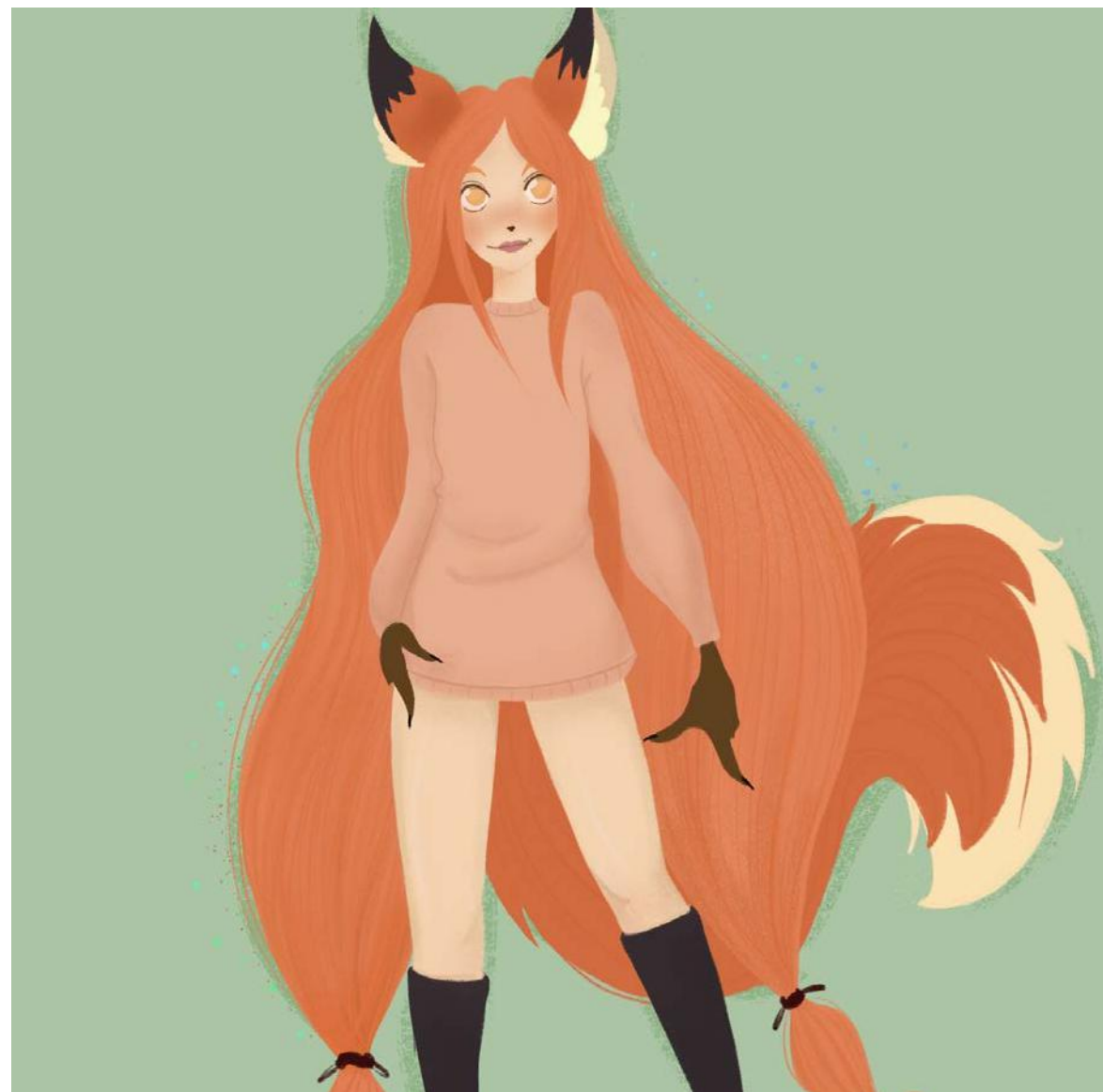


Processo de criação:



Demonstração: do rascunho no papel a ilustração final. Desenhar em um suporte como o papel me ajuda a entender melhor o que estou ilustrando. Ilustração totalmente vetORIZADA no Illustrator.







‘A mãe de uma grande amiga minha, infelizmente, veio a falecer em 2019, vítima de um câncer. Ela me pediu para fazer um desenho em homenagem à sua mãe e assim foi feito.

Poder ver que com minha ilustração captei tão bem o que ela procurava me deixar tão emocionada que ali entendi a proporção que uma ilustração pode ter na vida de qualquer pessoa.

Ah! Ela fez questão que eu a tatuasse. Não ficou perfeito, mas depois com o retoque de um profissional (Gustavo Dagger) ficou do jeitinho que ela queria. Sua própria floresta pessoal.’



Antes e depois do retoque.



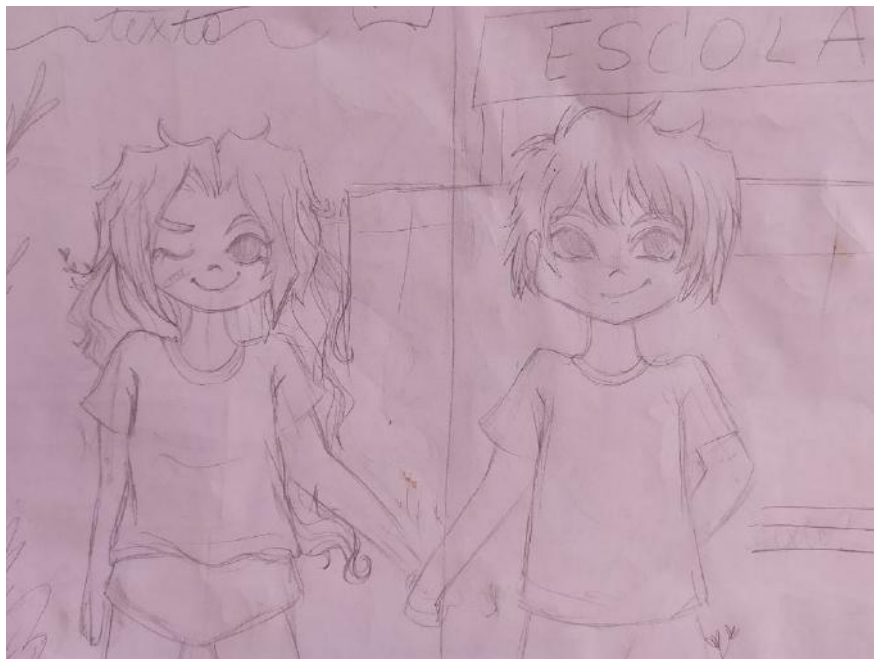
6.6 ESTUDOS



A personagem neuroatípica do livro é inspirada no meu próprio filho, o Raphael. Para retratar sua essência, personalidade e suas características, nossos 5 anos de convivência estão sendo utilizados para moldar rabiscos em ilustrações que capturem bem quem ele é.



Seu cabelo é sempre bem marcante na mente das pessoas, seus olhos em formatinho de gota também, seus traços únicos são incorporados para virar uma personagem. Realizei uma série de estudos até chegar na sua forma final, assim como das demais personagens.



No final, essa foi a escolha definitiva para o Raphael. A cor dos cabelos sofreu alteração para que houvesse maior diversidade entre as personagens e para que pudesse representar outras crianças. Mas todos os seus aspectos foram mantidos: os olhos grandes e expressivos, os cabelos cheios, e, o principal, o sorriso!



Para a segunda personagem decidi que seria feita com ajuda do Raphael. Ele começou a narrar como ele imaginava essa amiga e, aos pouquinhos, fui percebendo que ele não falava mais em traços fantasiosos como cabelo cor de rosa, ou olhos roxos mas, sim em um cabelo ruivo, olhos castanho e até mesmo piercing.

Em certo momento me dei conta de que ele estava me descrevendo. Ao relatar isso em minha orientação, Silvia me propôs que eu mudasse o tom do cabelo, dos olhos e fosse vendo qual seria a reação do Raphael. De primeira ele estranhou por não ver as cores que pediu, mas depois foi se divertindo ao ver que poderia escolher a cor que quisesse, que existiam diferentes tipos de pincéis e texturas possíveis.

Todas as personagens do livro tentam trazer uma representatividade. Várias cores, cabelos, formatos. Não foi diferente com a Laura, a grande amiga do Raphael nesse livro.



Ainda abordando a questão da diversidade, quis trazer características únicas para a Laura, até para que diferenciasse do Raphael. Dessa forma, Laura ganhou cabelos ondulados, pele morena e um ar simpático e ao mesmo tempo levado.



7. 0 projeto

7.1 FORMATO



O formato vertical do livro foi escolhido porque além de ser mais fácil para as crianças segurarem, passa a sensação contínua que o formato oferece. As cenas se tornam mais fluídas, interessantes e conversam melhor com o texto.

Este projeto se expressa através de cenas sequenciais e dos movimentos das personagens, portanto, o formato horizontal se encaixou melhor para o desenvolvimento do mesmo.

O formato foi finalizado da seguinte maneira:

- **20cm de largura x 25cm de altura (fechado)**
- **40cm de largura x 25cm de altura (aberto)**
- **capa cartão supremo 240g, revestido com laminação opaca**
- **papel Offset 150° g/m² (miolo)**
- **28 páginas de miolo**
- **grampo canoa**

O papel off-set foi escolhido porque, além de possuir o melhor custo-benefício, ele possui diversos tipos de gramatura.

7.2 TIPOGRAFIA



Por ser um livro infantil, optei pelo uso de duas fontes: Chaloops e DINosaur. A Chaloops por ser mais divertida, com movimento, para o títulos e frases das personagens e a DINosaur, sem serifa, para ser a fonte do texto corrido, da narrativa, para que fosse de fácil leitura.

CHALOOPS

abcdefghijkl

lmnopqrst

uvwxyz

0123456789

DINosaur

abcdefghijkl

lmnopqrst

uvwxyz

0123456789

7.3 TÍTULO



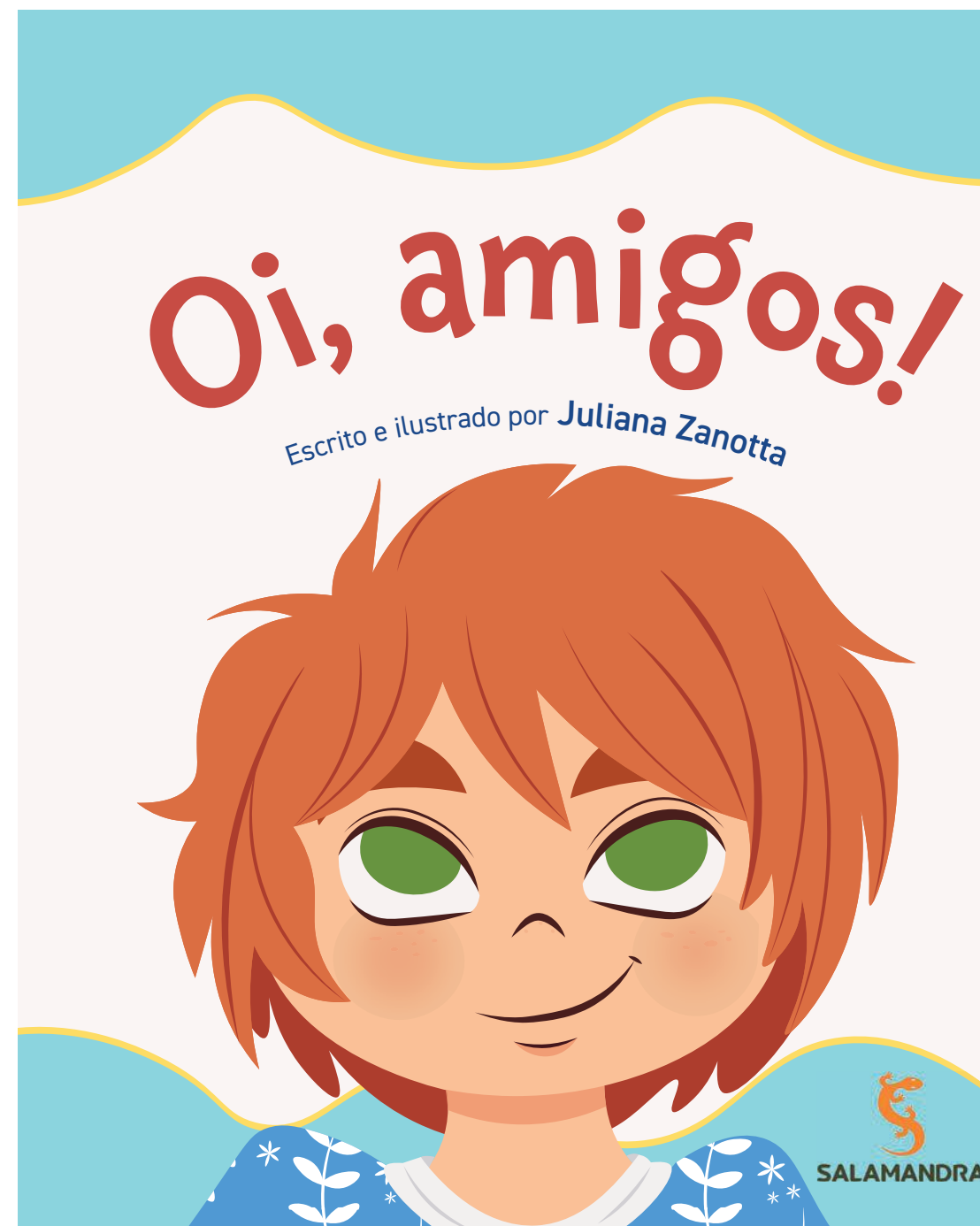
A ideia base para o título surgiu por acaso em um dos encontros sobre o projeto. Depois, analisando melhor, percebi que não poderia ter um título que remetesse melhor ao meu filho e a tudo que eu estava querendo passar com a história. Sempre que ele chega em um local com crianças novas ele começa se apresentando com um sorriso tímido seguido de um grande ‘Oi, amigos!’

Oi, amigos!

7.4 CAPA E CONTRACAPA



A capa foi desenvolvida pensando justamente no primeiro contato que uma criança autista costuma ter com outras pessoas. O fato dela não olhar direto para os olhos da pessoa, fez com quem eu quisesse destacar isso e fazer com que o Raphael olhasse para cima, mantendo o sorriso convidativo e todo o carinho que uma criança possui.



Já a contracapa faz uma ligação com um momento interno do livro, onde a personagem já se sente à vontade com seus colegas de sala para conversar, brincar com todos e ser ele mesmo. Todo o uniforme foi baseado nos gostos pessoais do próprio Raphael quanto aos seus super heróis favoritos.



Venha descobrir um pouco como
a inclusão e o amor podem nos
trazer novas super amizades!

ISBN 978-0-7334-2609-4



9780733426094

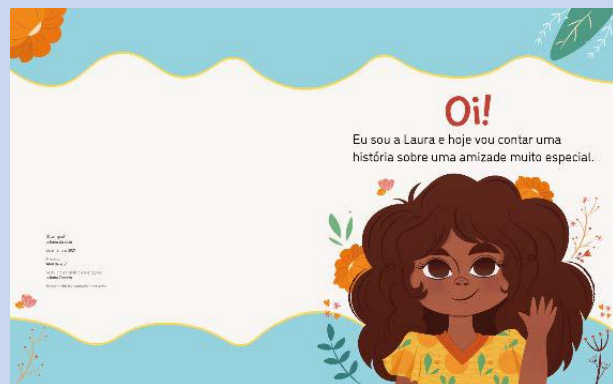
Oi, amigos!

Escrito e ilustrado por Juliana Zanotta

Venha descobrir um pouco como
a inclusão e o amor podem nos
trazer novas super amizades!



7.5 CAMINHO DE FERRO



8. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Desde o começo eu sabia que esse projeto não seria nada fácil de se realizar: faculdade, trabalho, filho, vida pessoal... Achei que essas coisas iriam me distrair do meu objetivo, mas foram todas elas que, juntas, me deram ânimo para continuar levando para frente todo esse estudo.

Esse projeto me ensinou mais do que eu poderia esperar. Conheci mais sobre mim mesma, sobre quem sou eu como profissional e consegui conhecer muito mais sobre o meu filho Raphael. Cada nuance desse projeto foi bastante curiosa e divertida.

Ouvi de muitas pessoas que eu não deveria escolher essa temática, pois era muito difícil, que eu não deveria escolher fazer uma história do zero, que era para escolher um tema genérico e apenas apresentar algo 'fácil' de ser feito... E foi por esse tema ainda ser tão chocante para as pessoas que eu sabia que deveria levar adiante minha ideia.

Eu não poderia deixar de lado e não abordar um tema tão importante e que merece ter mais destaque. O autismo não deve ser considerado um tabu. Por isso, fico feliz de poder deixar minha contribuição e se esse livro ajudar uma pessoa que seja, sei que minha missão terá sido cumprida.

Nesse momento estou cada vez mais próxima de realizar um sonho e uma conquista: me formar. Por um breve momento, há muitos anos atrás, acreditei que a maternidade seria uma barreira e que eu nunca mais poderia realizar esse sonho.

E eu não só estou provando para mim mesma que eu sou mais forte do que eu esperava, como estou concluindo meu curso em uma universidade pública que, no meio de tanto caos e confusão, ela ainda resiste. E é por isso que eu também resisto às dificuldades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



AUTOR DESCONHECIDO. **Livro**. sem ano. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Livro#Idade_M%C3%A9dia/>. Último acesso em 23 de outubro de 2020

AMOEDO, Renata. **Coisa de menino?**. Ilustrações Renata Ambedo. 1ª edição. Rio de Janeiro: R. Ambedo, 2019.

BLANCO, Vanessa; POHLMANN, Maria; SOBIESZCZANSKI, Miriam. **A literatura infanto-juvenil sob a perspectiva da psicologia**. Revista de Educação, Ciência e Cultura, Canoas, v. 20, n. 2, jul. dez. 2015

CIRANDA CULTURAL. **Dinossauros Divertidos**. Ilustrações Reinaldo Vignati 1ª Edição. São Paulo: Ciranda Cultural, 2014.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. **Nações Unidas Brasil**. Disponível em <<https://brasil.un.org/index.php/pt-br/91601-declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Último acesso em 12 de outubro de 2020

Educação de autistas é o tema do programa Salto para o Futuro. **Portal Mec**, 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sete-c-programas-e-acoes/acordo-gratuidade/33491-noticias/tv-escola/62421-educacao-de-autistas-e-o-tema-do-programa-salto-para-o-futuro>>. Acesso em: 07 de abril e 2021

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

FERNANDES, Cláudio. **“Invenção da imprensa”**; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/invencao-imprensa.htm>>. Último acesso em 17 de outubro de 2020

FONTES, Ivanise; KEMPER, Christiane. **Autismo: do que se trata**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Autografia, 2018.

FUNDAÇÃO JOSÉ LUIZ EGYDIO SETÚBAL. **Autismo e Realidade**, c2020. Página inicial. Disponível em <<https://autismoerealidade.org.br/>> Último acesso em 27 de outubro de 2020

HETZEL, Bia. **A orca e a caçara**. Ilustrações Graça Lima. 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Manati, 2006.

HETZEL, Bia. **O porco**. Ilustrações Filipe Jarim; Flora Sonkin. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Manati, 2000.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

INSTITUTO PENSI; ZIRALDO. **Autismo: uma realidade**. São Paulo: Megaterio Studio, 2013. Disponível em <<http://autismo.institutopensi.org.br/wp-content/uploads/manuais/cartilha-ziraldo-autismo-uma-realidade.pdf>>. Último acesso em 12 de outubro de 2020

LEWIS, Carroll. **Alice no País das Maravilhas**. Ilustrações Luiz Zerbini. 3ª Edição. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



LEWIS, Carroll. **Alice no País das Maravilhas**. Ilustrações John Tenniel. 1ª Edição. São Paulo: Darkside 2019.

LINDGREEN, Astrid. **Pippi a bordo**. Ilustrações Michael Chesworth. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

MION, Marcos. **A escova de dentes azul**. Ilustrações Fabiana Shizue. 1ª Edição. São Paulo: Panda Books, 2016.

O PENSADOR, Gabriel. **Um garoto chamado Rorbetto**. Ilustrações Daniel Bueno. 1ª reimpressão. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

OMS. **Artigos sobre Autismo**. 2021. Página inicial. Disponível em: <<https://www.who.int/eportuguese/countries/bra/pt/>>. Acesso em: 07 de abril de 2021

REMPT, Fiona. **Superamigos**. Ilustrações Noëlle Smit. Rio de Janeiro: Manati, 2010.

REMPTO, Carol. **Salada de Frutas**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: C. Rempto, 2019.

SILVA, Fabrícia Gomes da; MENEZES, Helena Cristina Soares; OLIVEIRA, Daiana Araujo de. **UM ESTUDO SOBRE A DEFEC-TOLOGIA NA PERSPECTIVA VIGOTSKIANA: A APRENDIZA-GEM DO DEFICIENTE INTELECTUAL EM REFLEXÃO**. In XI Congresso Nacional de Educação EDUCERE. Curitiba, 2013

SOUZA, Marcos. **O Processo de Alfabetização da criança se-gundo Emília Ferreira** 2019. Disponível em <<http://professorcor-reia.com.br/educacao/o-processo-de-alfabetizacao-da-crianca-se-gundo-emilia-ferreira/>>. Último acesso em 10 de outubro de 2020

VINHETA, *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/vinheta/>>. Acesso em: 07 de abril de 2021

WERNER, Andréa. **Meu amigo faz iiiii**. Ilustrações Kelly Vaneli. 1ª edição, 2017. Disponível em <<https://docero.com.br/doc/n1n-xsc1>> Último acesso em 12 de outubro de 2020

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1987.

ZINK, Adriana; MORAL, Adriana; SHIMABUKURO, Estela; MO-LINE, Eder. **Entendo o autismo**. 13º EDITAL SANTANDER/ USP/FUSP de Direitos Fundamentais e Políticas Públicas, 2017. Disponível em <<https://www.iag.usp.br/~eder/autismo/Cartilha-Autismo-final.pdf>> Último acesso em 12/10/20

ZINK, Adriana; MORAL, Adriana; SHIMABUKURO, Estela; MO-LINE, Eder. **Higiene bucal para pessoas com TEA**. Ilustrações Filipe Pessoa de Andrade. 13º EDITAL SANTANDER/USP/FUSP de Direitos Fundamentais e Políticas Públicas, 2017. Disponível em <<https://www.iag.usp.br/~eder/autismo/Cartilha-HIGIENE%20BUCAL-final.pdf>> Último acesso em 12/10/20



Oi, amigos!

Narrativa ilustrada sobre inclusão

Juliana Zanotta de Oliveira

Orientação: Nair de Paula Soares

Coorientação: Silvia Negreiros e Ary Moraes



Por quê?

♥ Maternidade precoce ♥ Autismo e preconceito

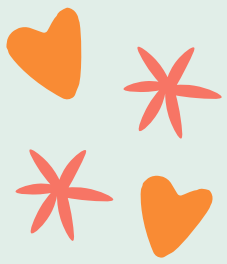


♥ Mãe aos 21 anos e, aos 22, descobri que meu filho era autista.



Objetivos

- ♥ Representatividade
- ♥ Informação
- ♥ Ilustração
- ♥ Livro infantil



vamos falar sobre

AUTISMO

Autismo

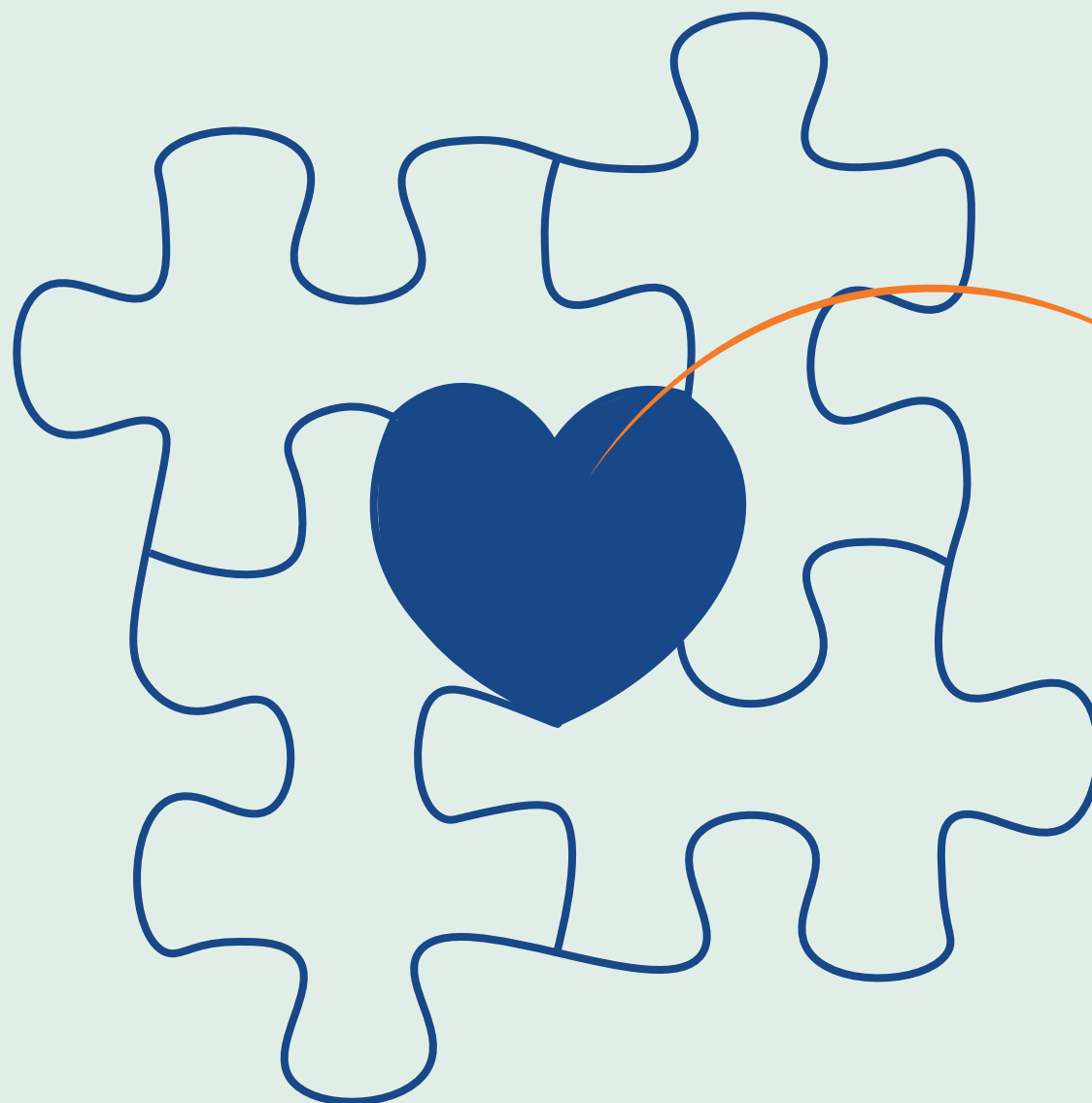
ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA),
é caracterizado por um déficit na comunicação social,
tanto verbal quanto não verbal, e pelo comportamento:
ações repetitivas, rotina regrada, interesse restrito a certas coisas...

Sinais para ficar atento

Ações repetitivas, rotina regrada,
interesse restrito a certas coisas,
dificuldade de apaziguamento...

Símbolo

O símbolo do autismo é o quebra-cabeça para simbolizar a complexidade do transtorno




Você sabia...

A cor do autismo é representada pelo AZUL. O motivo principal, é porque o transtorno abrange mais meninos do que meninas.



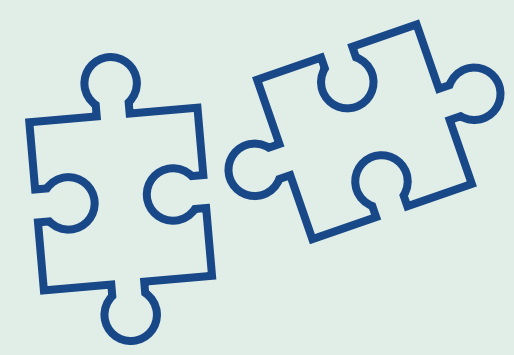
Hiperfoco

Padrão de comportamento restrito e repetitivo. É uma forma intensa de concentração em um mesmo assunto, tópico ou tarefa. Pode ser um filme, música no geral, ou matérias como linguagens, matemática, programação...



Você sabia...

Satoshi Tajiri, criador de 'Pokémon', foi diagnosticado como Asperger. Seu hiperfoco em entomologia (estudo dos insetos) foi o que o levou a criar a saga.

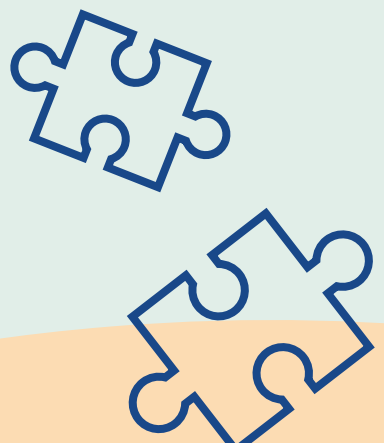


Asperger?

A Síndrome de Asperger é um transtorno enquadrado dentro do TEA. Não possuem as mesmas dificuldades de aprendizado de pessoas autistas, mas partilham das dificuldades de socialização.

Caso suspeite que você, ou outra pessoa, possam estar dentro do espectro, procure ajuda profissional de um psicólogo e um neurologista.

E agora?



Em 2004

o número era de

1 pessoa

em 166

com TEA



Em 2020

o número foi de

1 pessoa

em 54

com TEA

Narrativa

- ♥ História real
- ♥ Inclusão
- ♥ Preconceito

Enredo

Através da vivência de duas crianças, a edição mostra como a amizade pode ser um grande aliado da inclusão.

referências iconográficas



Zhen L Zhen



Zhi Lin Lim



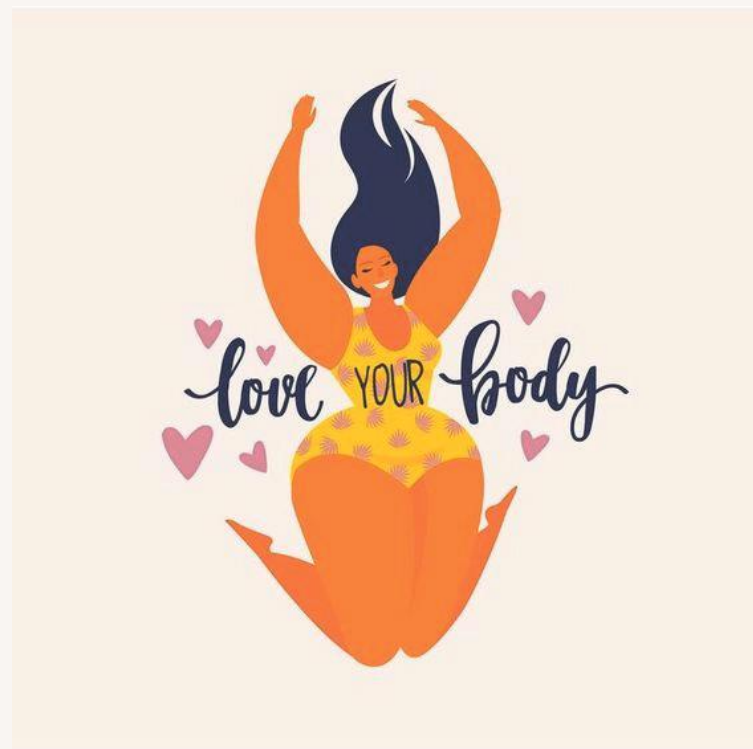
illustratedgents



Yvone Peng



Liuna Virardi



Disponível em: <<https://br.pinterest.com>>



Isadora Zeferino



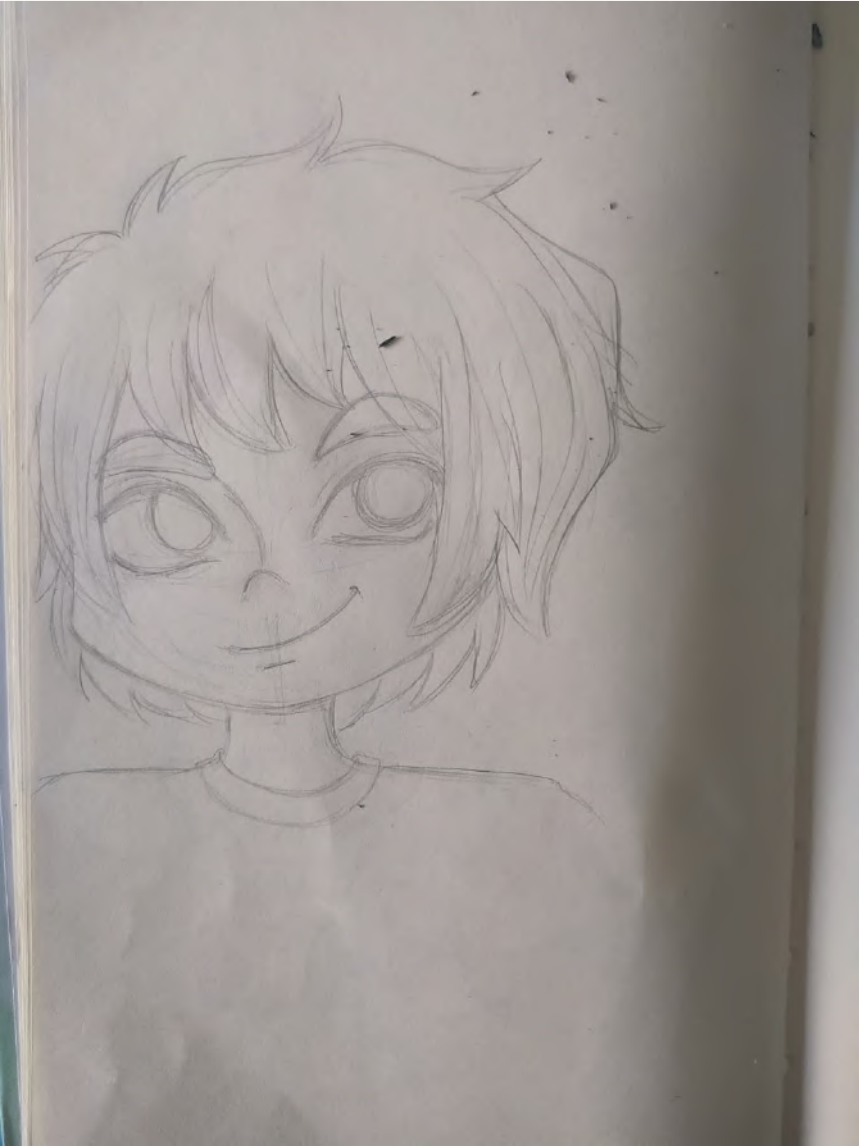
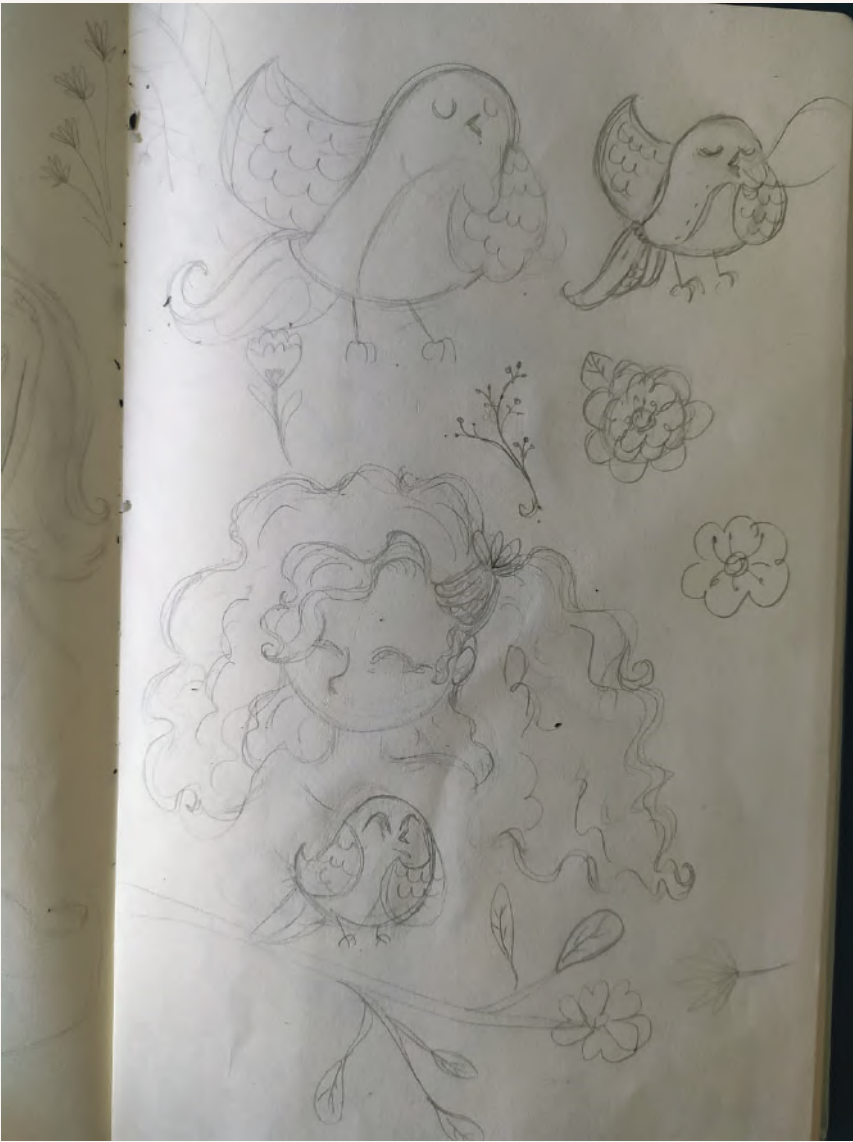
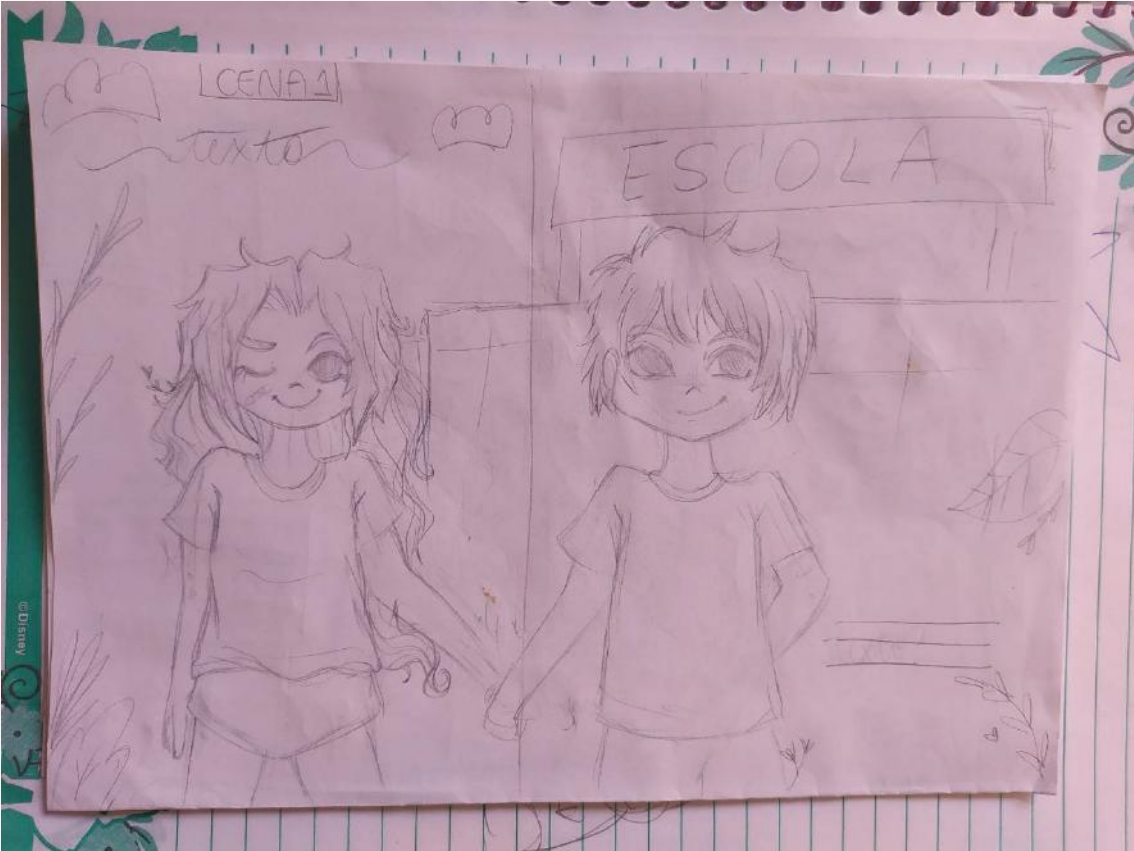
Disponível em: <<https://br.pinterest.com>>

Técnica Digital

Rascunhos realizados com papel e lápis, para depois serem vetorizados.

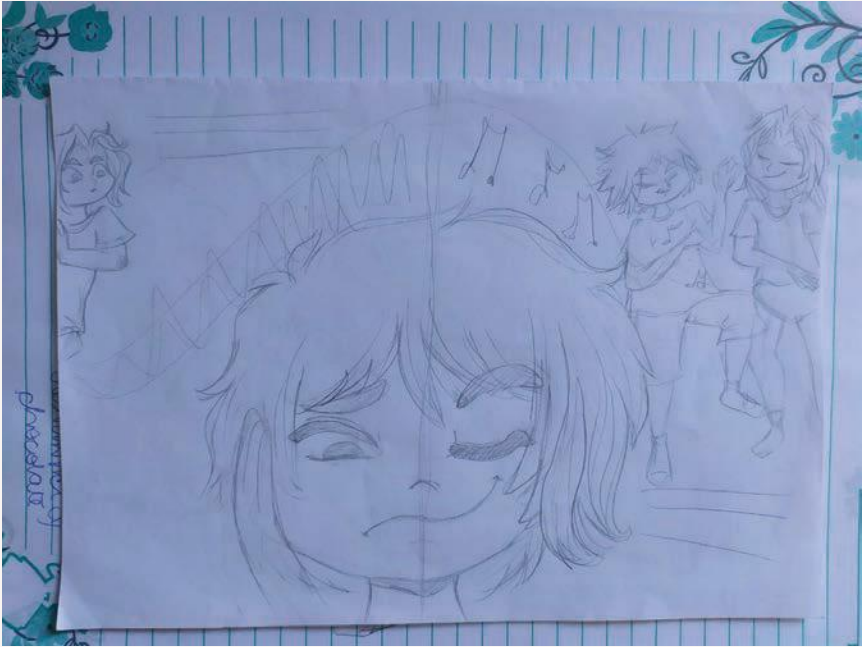
- ♥ Facilidade para alterações
- ♥ Explorar melhor cores/cenários

estudos



“Você não gosta
dessas cores, Rapha?”

Ele apenas balançou a cabeça,
de um lado para o outro, com
os olhos fechados, parecia até
que doía muito!



linguagem ilustrativa (semi-final)

ausência de linhas

busca pela caracterização
física de cada criança



estudos

diretor de arte



personagem principal



Raphael

Por quê?

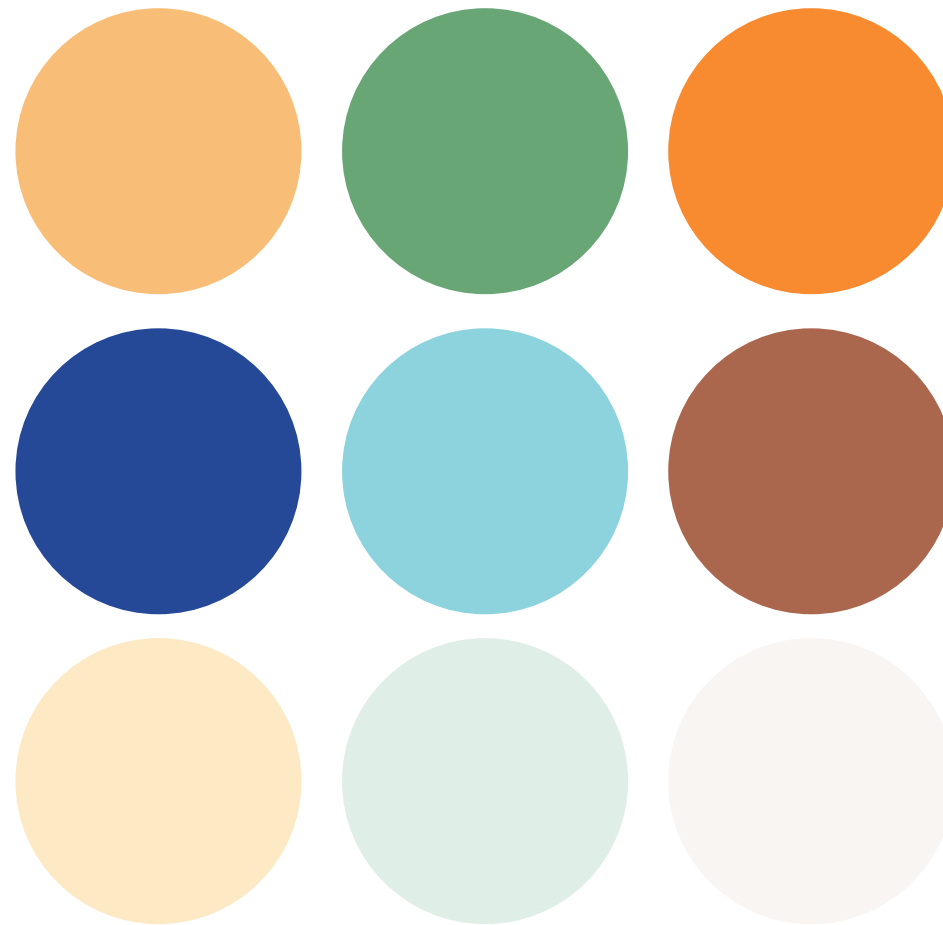


paleta de cores



paleta de cores

Cores de baixa saturação, sempre evitando cores fortes.



ambientação

Cenários com ambientes leves,
evitando o excesso de informação
visual e buscando consonância
com o fluxo da narrativa.

fontes

Chaloops

Títulos e diálogos por ser mais solta, mais 'quente', trazendo aproximação para o diálogo.



DINosaur

Para o texto narrativo, por ser de fácil leitura, seria ideal para representar um narrador.

Especificações para a produção

1. FORMATO

20 x 25cm (fechado)

40 x 25cm (aberto)

2. PAPÉIS

Capa: cartão Supremo 240g,
revestido com laminação opaca.

Miolo: Papel offset 150g



3. CORES DE IMPRESSÃO

Capa: 4/1

Miolo: 4/4

4. ENCADERNAÇÃO

Grampo canoa



5. TIPO DE IMPRESSÃO

Digital ou offset, dependendo da tiragem

Laminação opaca na capa e contracapa



Agradecimento especial

para a Christiane Kemper, psicóloga com estudos aprofundados em corpo, psicanálise e autismo que redigiu um texto sobre essa questão, especialmente para esse livro. ♥